



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOÃO MARCOS DE SOUSA BEZERRA**

**O VAQUEIRO DO RIO RIACHÃO: CULTURA E RELIGIOSIDADE NA  
MISSA DO VAQUEIRO DE MONSENHOR HIPÓLITO.**

PICOS – Piauí.  
2021

JOÃO MARCOS DE SOUSA BEZERRA

**O VAQUEIRO DO RIO RIACHÃO: CULTURA E RELIGIOSIDADE NA MISSA DO  
VAQUEIRO DE MONSENHOR HIPÓLITO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal do Piauí- UFPI como  
requisito para obtenção do título de Licenciatura  
plena em História.

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

PICOS – PI.

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí Campus**  
**Senador Helvídio Nunes de Barros Biblioteca**  
**Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**B574v** Bezerra, João Marcos de Sousa  
O vaqueiro do Rio Riachão: cultura e religiosidade na missa do Vaqueiro de Monsenhor Hipólito / João Marcos de Sousa Bezerra – 2021.  
Texto digitado  
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Ms. José Lins Duarte”

1. Vaqueiro. 2. Tradição. 3. Identidade. 4. Cultura. I. Duarte, José Lins. II. Título

CDD 306



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905 - Bairro Junco CEP 64607-670 - Picos - Piauí  
Fone: (89) 3422 2058

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos quinze dias (15) do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **João Marcos de Sousa Bezerra** sob o título O vaqueiro no Rio Riachão: Cultura e Religiosidade na Missa do Vaqueiro de Monsenhor Hipólito.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte Examinador  
1: Profa. Ms. Ivana Campelo Cabral Examinador 2:  
Prof. Ms. Jônatas Lins Duarte

Deliberou pela **Aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 15 de julho de 2021

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado forças para não desistir nessa árdua caminhada e ter sido sempre meu fiel companheiro me fazendo chegar até aqui. Aos meus pais e irmãos por todo incentivo nos momentos de dificuldade e por estarem sempre ao meu lado contribuindo para o meu desenvolvimento.

Aos meus grandes amigos da UFPI, a turma do fundão, que estiveram presentes e foram muito importantes para que este momento viesse a acontecer, foram muitos dias e também trabalhos realizados para que pudéssemos enfim chegar à formatura.

Aos professores, especialmente ao meu orientador José Lins Duarte, pela paciência, correções e ensinamentos durante estes anos que permitiram a nossa chegada até aqui, auxiliando no nosso crescimento profissional e também humano, o meu muito obrigado a todos.

## RESUMO

Este trabalho aborda sobre as transformações na vida dos vaqueiros dos sertões nordestino, desde a chegada dos primeiros Colonos no Piauí, e o seu desenvolvimento, tornando o trabalho com o gado uma das principais atividades econômicas e culturais desta região, sendo o vaqueiro um sujeito frequente quando trabalhamos com a identidade cultural regional, representando a figura do sertanejo, como um povo forte e batalhador no cenário historiográfico brasileiro.

Perceber como tradição do ser vaqueiro se desenvolveu, e perdurou desde a chegada e a ocupação destas terras e as permanências deixadas por esses homens para as gerações seguintes torna se importante para a construção de uma identidade própria para o personagem. Um exemplo da continuidade e tradição do ser vaqueiro são as suas vestimentas, sendo essas feitas essencialmente de couro e utilizadas desde séculos atrás.

Tendo como ponto de partida o evento da missa do vaqueiro em Monsenhor Hipólito, importante movimento cultural do município que tem sido desenvolvido nos últimos 15 anos, e que tem como intuito exaltar toda a gama tradicional e religiosa deste importante personagem no cenário historiográfico, atraindo também os demais membros da comunidade e de outras localidades.

Compreender a memória e a tradição destes homens, é também conhecer o âmbito religioso e mitológico do município, desde assombrações até rituais de cura e amarrações contados por os vaqueiros. A utilização da História Oral é essencial para que possamos ter acesso as memórias destes homens, preenchendo lacunas e tendo acesso a novos “causos”, oferecendo ao trabalho a oportunidade de dar voz a história e tradição dos vaqueiros hipolitanos, e principalmente conhecermos melhor o âmbito em que ele está envolvido. As fontes orais e os demais autores possuem grande importância e ajudam na construção deste trabalho.

**Palavras-chave:** Vaqueiro. Tradição. Identidade. Cultura.

## **Abstract**

This work addresses the transformations in the life of cowboys in the northeastern hinterlands, since the arrival of the first settlers in Piauí, and its development, making working with cattle one of the main economic and cultural activities in this region, with the cowboy being a frequent subject. When we work with the regional cultural identity, representing the figure of the sertanejo, as a strong and struggling people in the Brazilian historiographical scenario

Perceiving how the tradition of being a cowboy has developed, and has lasted since the arrival and occupation of these lands, and the permanence left by these men for the following generations becomes important for the construction of a proper identity for the character. An example of the continuity and tradition of being a cowboy is his clothing, which is essentially made of leather and has been used since centuries ago.

Taking as its starting point the event of the cowboy mass in Monsenhor Hipólito, an important cultural movement in the municipality that has been developed over the last 15 years, and which aims to exalt the entire traditional and religious range of this important character in the historiographical scenario, also attracting other members of the community and other locations.

To understand the memory and tradition of these men, is also to know the religious and mythological scope of the municipality, from hauntings to healing rituals and moorings told by the cowboys. The use of Oral History is essential for us to have access to the memories of these men, filling gaps and having access to new "stories", offering the work the opportunity to give voice to the history and tradition of the Hippolytan cowboys, and especially to know better the scope what he is involved in. Oral sources and other authors are of great importance and help in the construction of this work.

**Keywords:** Mass of the cowboy, Tradition, Cultural identity, Religiosity, Economic

## Lista de Imagens.

Imagem 1 :Vaqueiros usando sua tradicional vestimenta na pega do gado.....	19
Imagem 2 :: Vaqueiro com suas vestimentas tradicionais durante a realização da Missa do Vaqueiro e agricultor, no ano de 2010.....	20
Imagem 3 : Momento de fé e religião dos vaqueiros durante a procissão em sua homenagem nesta importante data, no ano de 2008.....	23
Imagem 4 : Vaqueiros indo receber a hóstia sagrada durante ato religioso em sua homenagem, no ano de 2013.....	24
Imagem 5 : Reunião entre vaqueiros da zona rural de Monsenhor Hipólito em um horário de descanso para os mesmos, no ano de 2014.....	27
Imagem 6 : O vaqueiro Piauiense observando o gado em meio as terras secas e o mato denso ao longe, no ano de 2018.....	29
Imagem 7 : Prefeito municipal durante a cavalgada em prol dos vaqueiros no ano de 2015.....	39
Imagem 8 : Cavalgada dos vaqueiros pelas principais avenidas da cidade de Monsenhor Hipólito, em 2017.....	41
Imagem 9 : Prefeito e seus secretários ao lado do Padre Expedito, durante a realização da missa do vaqueiro, no ano de 2016.....	42
Imagem 10 : Grande participação de crianças e jovens durante a cavalgada da missa do vaqueiro, no ano de 2016.....	44
Imagem 11 : Vaqueiro hipolitano com suas vestimentas tradicionais em um momento de fé carregando a imagem de São Jorge durante a cavalgada no ano de 2018.....	46
Imagem 12 : Vaqueiros e demais membros da sociedade unidos em um momento de fé durante a celebração da Missa do Vaqueiro e Agricultor, no ano de 2016.....	47
Imagem 13 : Cartão convite a comunidade e cidades vizinhas, para a realização da XI festa do vaqueiro e agricultor, no ano de 2018.....	49
Imagem 14 : Vaqueiros e demais participantes se servindo do almoço preparado em sua homenagem no CCI, no ano de 2018.....	50
Imagem 15 : Espaço utilizado para o almoço comunitário em prol dos vaqueiros e agricultores, promovendo o encontro e o contato de diferentes gerações e comunidades. , no ano de 2019.....	51
Imagem 16 : Momento da realização do show da banda Caninana do Forró, no ano de 2016.....	54



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1- A GENÊSE DO VAQUEIRO NO PIAUÍ.....	15
1.1 AS CRENÇAS DO VAQUEIRO PIAUIENSE.....	18
1.2 VAQUEIROS: COTIDIANO E TRABALHO NO MUNICÍPIO DE MONSENHOR HIPÓLITO.....	28
1.3 VAQUEJADA, ESPORTE E TRADIÇÃO.....	34
2 - A MISSA E A VAQUEJADA EM MONSENHOR HIPÓLITO.....	36
2.1 ORIGEM E DIFICULDADES.....	39
2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	43
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE 1- ENTREVISTAS.....	59

## INTRODUÇÃO

Partindo do ponto de vista regional do povo brasileiro, é comum que quando se pense na região Nordeste, logo se associe a figura do vaqueiro, devido a identidade cultural que já coexiste desde a ocupação das terras que surgiram como uma saída para intensificar a criação de gado, que neste recorte era a principal fonte de renda do Piauí colonial. O vaqueiro ainda se faz presente em sociedade, seja por conta das vaquejadas que fazem parte da tradição cultural nordestina, ou ainda pelos cuidados e a criação de gado nos interiores e em fazendas.

O crescimento da atividade pecuária que em meados do século XVII tornou-se uma das principais atividades econômicas da colônia desencadeou um movimento de ocupação de grandes áreas até então pouco exploradas e de difícil acesso nesse período, sendo uma dessas o Piauí. A construção de fazendas no interior do estado tinha como intuito aproveitar grandes lotes de terras e consequentemente de numerosos pastos, sem a necessidade de altos investimentos para a construção e a manutenção destas, já que neste período o foco comercial se mantinha em faixas litorâneas e de centros urbanos. ABREU (1969, p. 159) nos diz que: “O gado *vacum* dispensava a proximidade da praia, pois como as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias, dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana.”

O processo de crescimento no número de fazendas, no entanto não foi repentino, devido as mesmas serem construídas em áreas pouco atrativas e distantes de grandes centros, o que causava desânimo para os trabalhadores da época. Sobre tais fatos abordados ALVES (2003, p. 61) fala que: “O isolamento era o que predominava, tendo em vista que as comunicações com centros urbanos do litoral eram quase inexistentes. Até mesmo o contato com outras fazendas do Piauí tornava-se muito difícil dado as grandes distâncias entre elas.”

A situação causada pelo isolamento fornece aos moradores das fazendas apenas o convívio entre os mesmos, tornando o contato entre os grupos residentes, distinto, regular e cotidiano, fazendo assim com que novas ramificações culturais surjam com a convivência entre esses, atribuindo aspectos próprios para cada fazenda. PORTO (1974, p. 32) nos diz que: “Esse caráter rústico, extensivo e disperso contribuía para o isolamento da população piauiense, cuja vida se resumia ao trabalho dentro das fazendas, sem muita comunicação com o mundo exterior.”

É a partir da formação de núcleos humanos nas isoladas fazendas piauienses que se inicia o processo de construção cultural própria de cada espaço, o pouco contato entre os núcleos e os grandes centros era responsável pela criação de um imaginário próprio e singular, onde o contato até mesmo com fazendas localizadas aos redores era minimamente concebido. Sobre isso, NUNES (1983, p. 155) diz que: “A capitania do Piauí é falta de povoações formadas, não há falta de

povoadores, que moram e vivem dispersos em suas fazendas de gados, as quais requerem para sua boa criação grande extensão de terras.”

Assim sendo, a identidade cultural do nordestino que cerca a figura do vaqueiro, é trazida de épocas passadas, é tradicionalmente conhecida por conta das histórias e contos que fazem parte da historiografia, e que relatam este como um homem forte, corajoso, que leva a sua vida agitada em meio às matas e campos abertos em busca de animais que fugiam das fazendas, que é orgulhoso do seu trabalho, e que deu origem as vaquejadas, lugar social que fornecia grandes histórias para seus participantes, fossem eles participantes ou espectadores, que estimulavam a memória coletiva de tais eventos. Hoje a vaquejada se tornou um evento mundial, mas que ainda sofre muita influencia das “pegas de gado” que eram feitos algumas décadas atrás. (LIMA, 2016, p. 21)

Também utilizaremos para a construção deste trabalho, consultas orais realizadas com participantes desse movimento, que contam um pouco de sua trajetória e a importância que o sentimento do pertencimento dentro desse universo, e também, para além do fator econômico, também social e cultural existente nesse processo. Trabalhar a memória desses homens revela para nós uma grande gama de conhecimentos e experiências pelas quais estes homens foram submetidos e nas quais podemos observar os aspectos que rodeiam tal figura, como sua religiosidade, os mitos e toda a cultura que o envolve. Sobre esta memória POLLAK (1992, p. 204) nos fala que: “Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo.

É através da memória e da tradição que os aspectos culturais do vaqueiro permanecem vivos até os dias atuais, a construção de sua identidade é baseada em permanências que acompanham sua figura desde a época de ocupação do território piauiense, como por exemplo, suas vestimentas e a religiosidade presente no imaginário destes homens. Sobre a construção de uma identidade MONIOT (1993, p. 12) nos diz que: “A identidade se constrói a partir do conhecimento, da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado.”

O trabalho com fontes orais nos permite obter informações e experiências que não poderiam ser obtidos em bancos de dados e documentos oficiais, uma vez que o grupo dos vaqueiros até poucos anos atrás nem eram reconhecidos como trabalhadores formais, mesmo sendo agentes culturais importantes para a figura do sertanejo. O conhecimento aprofundado sobre os aspectos que compõem a vida do vaqueiro só se tornou possível após a introdução do estudo destas fontes, que possibilitou aos historiadores um contato mais próximo juntamente a uma cultura e religiosidade tão vasta e importante para a formação sociocultural da comunidade. Sobre a utilização das fontes orais GARRIDO (1992, p. 39) nos diz que: “Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que

não apenas se chega a um conhecimento dos fatos mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu.”

É comum encontrarmos em cidades da região, a presença do vaqueiro, desde pessoas mais velhas que desempenham esta atividade há muitos anos, mas também a participação mais intensa de jovens, que seguem o exemplo de pais ou familiares e que se apaixonam pela prática, e que terminam por seguir seus passos. O trabalho que é oferecido nos cuidados com o gado, e o dinheiro que é resultante desta atividade, desperta nos jovens, que buscam formas de melhorar sua realidade social, enquanto desempenha um serviço que traz respeito e admiração para si. Essa participação dos jovens realça a importância cultural que o vaqueiro representa para a comunidade, é um indicativo que essa cultura ainda será prolongada por muitas décadas em nossa região. O recorte histórico que será utilizado vai de 2005 até os anos atuais, acompanhando o desenvolvimento tecnológico e social que permeia a nossa figura de estudo e também altera suas ramificações sociais, pessoais, familiares e também culturais, observando os novos movimentos e novos pensamentos dos vaqueiros.

Durante a construção deste trabalho, será utilizada como base uma importante festa cultural da cidade de Monsenhor Hipólito, popularmente chamada de “Missa do vaqueiro e agricultor”. Serão utilizados depoimentos de membros da comunidade e participantes para que se tenha uma visão mais clara do valor simbólico que esse traz para a cultura popular, e como o contato entre as diferentes visões alteram a sua forma de agir e pensar. É importante expressar o valor do vaqueiro hipolitano para a construção da identidade cultural presente no cotidiano da comunidade.

Essa pesquisa tem como o intuito trazer novas possibilidades para compreendermos a forma como o vaqueiro nordestino é percebido em sociedade, observando os aspectos que fazem parte do seu cotidiano desde o trabalho, até a sua religião, as formas que o mesmo encontra para se divertir, o seu convívio em comunidade, tomando como ponto de estudo os hipolitanos e todo o âmbito que o cerca e molda a convivência dos vaqueiros.

O desenvolvimento sobre a pesquisa em questão, fez-se necessário quando considerarmos o cenário dos vários “brasis” existentes e principalmente por o desenvolvimento tecnológico e industrial das últimas duas décadas, que influencia diretamente na vida de toda a comunidade, assim como também na do vaqueiro. Tratando-se assim de uma produção histórica sobre o Piauí, a qual nos apresenta novas percepções de vários aspectos da região e também dos membros em questão e a sua relação em sociedade. Perceber o vaqueiro como um agente cultural importante para a construção da cultura municipal se faz importante, percebendo todo o imaginário que cerca tal figura, e a sua importância no contexto sociocultural em Monsenhor Hipólito.

Compreender as transformações que ocorreram no mundo e que atinge diretamente a vida de todos, assim como também a dos vaqueiros, torna se importante para que possamos acompanhar as mudanças que ocorrem também com estes, e que influenciam diretamente nas identidades culturais que já eram pré-existentes. Fenômenos como a globalização, a internet, a chegada de automóveis, dentre tantas outras alterações que acometeram no mundo nestes anos, e que trouxeram diferenças em todos os aspectos da vida em comunidade dessas pessoas.

Assim, a partir da análise do cotidiano desses trabalhadores é possível compreendermos como desenvolvem suas atividades e interferem no desenvolvimento da cidade, seja no âmbito religioso e cultural, ou seja nas técnicas de trabalho no campo e no manejo com o gado. As alterações sofridas a partir do convívio com esse personagem é um marco importante no imaginário sociocultural no município, afinal, muitos dos mitos e lendas contadas hoje fazem parte desta gama cultural trazida pelo vaqueiro, além dos demais aspectos que serão apresentados durante a pesquisa realizada.

O trabalho está estruturado em dois capítulos, no primeiro temos como intuito demonstrar a formação social e estrutural do Piauí em relação a ocupação de suas terras e o crescente número de fazendas e currais para o manejo do gado, além da formação de pequenos vilarejos ao lado dos rios onde se inicia o processo cultural próprio desta região. É neste local que se constitui as primeiras representações do vaqueiro dentro de uma historiografia própria piauiense, sendo assim o ponto de partida para os estudos que buscam compreender a sua relação com a identidade cultural encontrada hoje em nosso cotidiano. Com isso o estudo historiográfico sobre as crenças e costumes, e também o trabalho com o manejo do gado, que se desenvolvem desde o século XVII, demonstram a importância que o vaqueiro possui no universo social e cultural para a historiografia construída nesse local. Os traços deixados na religiosidade, nos mitos, nas vestimentas e todos os outros aspectos cotidianos que sofrem influência deste agente cultural fazem parte do processo de permanências que são trazidas por estes desde os primórdios desta ocupação.

No segundo capítulo trabalharemos o evento da Missa do vaqueiro no município de Monsenhor Hipólito, utilizando entrevistas orais com vaqueiros residentes do município, com idades e imaginário variados, desde vaqueiros tradicionais, com uma idade mais avançada como Evangelista, de 62 anos, e também vaqueiros da nova geração, com menos experiências e que acompanham a geração da globalização, com as novas tecnologias e a Internet presentes em seu cotidiano, como Danilo Gomes e Heitor Moura, vaqueiros de 23 e 17 anos respectivamente, e que nos ajuda a compreender o valor e a representatividade que este evento traz para cada um deles. As entrevistas com os vaqueiros foi realizada através do whatsapp devido a pandemia, para garantir a integridade da saúde de todos os envolvidos.

Perceber a troca de experiências, assim como conhecer o imaginário com os “causos” e credices dos mais velhos, os oradores para a abertura desta festividade. Ter o contato com a religiosidade que é pertinente a tal figura, com suas crenças e também a sua devoção, sendo estas marcas importantes da construção social deste personagem. É também um momento de festa, com a realização da vaquejada e também da Festa do vaqueiro, realizada em praça pública. Perceber os aspectos que o cercam trás para nós uma forma de compreender a forma como o personagem se constituiu ao longo dos séculos e construiu a identidade cultural que lhe é pertencente hoje.

## 1- A GENÊSE DO VAQUEIRO NO PIAUÍ

Para que possamos compreender a gênese do vaqueiro piauiense atual, é necessário observar seu surgimento desde o final do século XVII e início do XVIII, época essa em que os grandes donos de terras da antiguidade desbravaram e ocuparam o território que daria origem ao Piauí, e aqui fundaram grandes fazendas para a criação de gado, e onde se iniciaria o processo de construção de identidade e também de cultura desta região. Para Hall (1999) “A identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a nossa pertença a cultura, etnias, raças, línguas, regiões e nações.”

Quando passamos a estudar mais a fundo a criação do Piauí percebemos alguns pontos que sugerem o condicionamento que moldou diversos aspectos que hoje tratamos como a nossa identidade, e que regularmente estão presentes no cotidiano, mesmo que não percebamos. Estes moldes surgem nas interações que existiam em terras piauienses nesta época, onde afastados da grande maioria da população de forma geral, os residentes das novas terras formaram a sua própria identidade, que interligavam a vivência de cada um, junto as suas práticas, religiões, crenças e mitos, dando origem a uma cultura própria.

O começo da ocupação no Piauí se tornou necessário para abranger a falta de terras propícias para o desenvolvimento de uma atividade que despontava como principal atividade econômica regional, com a criação de gado. É importante salientar que o comércio dos produtos relacionados ao gado começou a ganhar notoriedade na vida do sertanejo como podemos acompanhar na fala de Audrey Tapety(2007, p. 21) : “No contexto da economia pecuarista é importante mencionar o uso em profusão do couro do boi, tanto para suprir as necessidades mais elementares da vida cotidiana da população, quanto em certas situações como fonte de renda monetária no comércio local.”

GOULART (1966, p. 25) descreve a importância deste empreendimento pastoril para outras regiões do Nordeste, e o porque do repentino interesse dos grandes fazendeiros nestas terras até então pouco exploradas pelo reino:

É interessante destacar que as transações comerciais provenientes da pecuária orbitaram em outra escala: abrangeram o ultramar, aportando no Reino. Em Pernambuco e Paraíba, o segundo produto que mais pesou na balança das exportações eram derivados do boi. Em carta aos representantes do Estado e Negócios Ultramarinos, os edis da câmara de Olinda atestaram que os donativos com que aqueles povos servem de presente a Vossa Majestade que seja servido ordenar que se satisfaçam gêneros como açúcar e sola que são os que servem ao comércio. (GOULART, 1966, p. 25)

Sobre esse importante comércio regional que começava a rodear dentro do universo pastoril, a abrangência da produção de couro e charque que até então rodeava e abastecia o comércio nacional, começa a ganhar repercussão na metrópole, e fazia com que o interesse por esta atividade aumentasse cada vez mais. Braga (1947, p. 149), diz que: “Do porto do Recife saíam para Portugal entre sete a oito embarcações por ano, carregadas de couro”.

Dentro deste contexto, para além do uso do couro, outra fonte de renda importante para esta região Nordeste, era a venda do charque de boi (carne seca), produção esta que correspondia a grande parte dos lucros que a região recebia como podemos acompanhar no trabalho de TAPETY (2007, p. 23).

Dentro do contexto do ciclo do gado no sertão, também faz-se importante mencionar a história das charqueadas. No ano de 1699, quando os senhores da casa da Torre devassavam o interior do Piauí, dando início ao processo de povoamento e colonização, surgiram na região próxima ao rio Parnaíba dois pequenos lugarejos: Porto das Barcas e Testa Grande. Neste primeiro núcleo instalou-se a primeira charqueada do Piauí, de propriedade do Sr. Domingos Dias da Silva, fundador da Casa Grande da Parnaíba. Nesta época a exportação da carne seca para outros pontos do país e também para a Europa atingia o valor de 1.800 toneladas. A possibilidade de aumentar a sua renda fez com que os grandes fazendeiros fossem em busca de novas terras que pudessem atender a demanda da criação de gado, e encontraram nas terras do Piauí, até então tratadas como terra de ninguém, uma oportunidade de expandir sua criação e conseqüentemente, seu lucro. (TAPETY, 2007, p. 23)

O crescimento constante da atividade pastoril, juntamente com o lucro crescente que a atividade trazia para a metrópole, fez com que a corrida por novas terras que pudessem ser capazes de suprir a necessidade para a criação do gado tivesse um elevado aumento, e a descoberta destas novas terras trouxessem alegria e recursos para os grandes fazendeiros da época.

CARDOSO (1946) relata a visão destes fazendeiros sobre as novas terras:

Extasiados diante da imensidade verde dos campos gerais que, avançando na zona ribeirinha do Parnaíba, desdobravam-se a perder de vista, na direção do ocidente, os pioneiros, refeitos da monotonia das caatingas do Nordeste sáfaro, que haviam atravessado, deram a região o nome de “pastos bons”, e aí se fixaram para a labuta tranquila da vida pastoril. (CARDOSO, 1946, p. 34)

A busca por novas terras sai do ambiente dos grandes centros e chegam a estas terras com o intuito da criação de grandes fazendas e a ocupação destas por colonos que pudessem participar da atividade pastoril. Entretanto o crescimento da povoação destas não se deu repentinamente, mas em



um processo longo e gradual, que fez com que houvesse grandes distanciamentos entre as fazendas em um primeiro momento.

Neste ponto TAPETY (2007) descreve:

As fazendas criatórias de gado expandiram-se a partir do Piauí sertão a dentro, coexistindo numa ocupação totalmente irregular e rarefeita: vaqueiro e gado. A sociedade pecuarista, devido ao caráter da criação extensiva do gado, não era coesa e os habitantes entre eles o vaqueiro – não possuíam moradia certa, iam se deslocando atendendo à necessidade do gado em busca de pastos bons para a alimentação. (TAPETY, 2007, p. 28)

De acordo com os pontos levantados pela autora, com o desenvolvimento principal da pecuária, e levando em consideração as terras secas e as chuvas irregulares, aliados com as condições precárias de criação, ainda sem técnicas para o cultivo de pastagens que poderiam fornecer alimento ao gado em épocas secas, aliado com a falta de incentivo em outras atividades econômicas como a agricultura, tornava o serviço desenvolvido nas fazendas periódicas aos meses de chuvas. A falta de serviços nas fazendas e as longas distâncias para os grandes centros urbanos levava as pessoas que trabalhavam nestas a se tornarem andarilhos, de fazenda em fazenda, ou que chegassem e viessem a residir em pequenos povoados que surgiam em locais estratégicos próximos ao litoral e a grandes rios da região.

Neste contexto onde estão surgindo as primeiras fazendas e vilas, é o local em que a figura do vaqueiro começa a se sobressair em termos de sociedade, devido ao seu trabalho árduo, participação ativa no cotidiano das fazendas e vilas, mesmo dispondo de recursos e técnicas precárias, além de condições de vida que passavam longe de ser as ideais.

No relato de Diniz (1996, p. 52) o autor traz que: Na expansão do povoamento para o sertão, não se pode ignorar a figura do vaqueiro que utilizando-se da quarteação, acabou por se transformar em criador, dando origem a uma estrutura de pequenos pecuaristas que persiste até os dias atuais.

É importante também pensar através do aspecto de colonização e exploração do interior em relação ao litoral em outras grandes áreas, por conta dessa falta de interesse dos colonos em relação as novas terras desbravadas, afinal, o litoral beneficia atividades comerciais diferentes, sejam através da agricultura, ou da exportação de cargas e alimentos, atividades chamavam a atenção do público em geral, e que eram atrativas as pessoas e que permitiam a construção de grandes centros de moradia, tornando o fluxo pessoal alto. Pensar no aspecto de desenvolvimento da cultura local em grandes centros onde existem milhares de pessoas novas semanalmente se torna totalmente o oposto de imaginar essa formação cultural nas novas terras do Piauí. O surgimento de novas culturas nos pequenos centros de fazendas e vilarejos é o que caracteriza a sua população em distinção as outras.

A cultura é definida para CLAVAN (2001) como:

A soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos, e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto de grupos nos quais ele faz parte. A cultura é herança transmitida de uma geração para outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. (CLAVAN, 2001 ,p. 63)

Temos então que a cultura é algo único de cada sociedade, e que a caracteriza, os novos valores que surgem a partir da união de diferentes pessoas em um novo local, aliado com seus comportamento e ações realizadas no cotidiano dos seus indivíduos faz com que novas roupagens surjam, e que ao passar dos anos forjem uma nova cultura, contendo aspectos diferentes das encontradas no início deste processo.

## 1.1 AS CRENÇAS DO VAQUEIRO PIAUIENSE

Quando imaginamos a figura do vaqueiro, temos a imagem de um homem, com chapéu de couro, gibão, perneira, montado em seu cavalo selado, nas matas correndo atrás de gado. Essa é a tradição literária e cultural que já é repassada desde crianças, e que realmente condiz com a visão presente do personagens. Em sua maioria, encontramos a manutenção das vestimentas durante o cotidiano dos homens, desde séculos passados sem grandes alterações. Suas permanências são fatores que buscam manter vivas as identidades culturais do ser vaqueiro, que são difundidas nas regiões, onde o trabalhador é valorizado, e se transforma em uma figura de poder e influencia aos jovens. Sobre a manutenção de seus aspectos culturais, VALENTE (1989) nos diz que:

A tradição é o conjunto de bens culturais que se transmite de geração em geração no seio de uma comunidade. Trata-se de valores, costumes e manifestações que são conservados pelo fato de serem considerados valiosos aos olhos da sociedade e que se pretende inculcar às novas gerações. A tradição, por conseguinte, é algo que se herda e que faz parte da identidade cultural e social. (VALENTE, 1989, p. 156)

A tradição e a cultura são segmentos sociais que muito se assemelham e que se complementam em sua caminhada em sociedade. As permanências trazidas pelos vaqueiros, fazem com que a sua cultura seja realçada e exaltada. A apropriação de seus participantes de aspectos antigos que são utilizados há décadas configuram o movimento dos vaqueiros, enraizadas, e faz com que seus novos participantes sigam a cultura vigente do ser vaqueiro.

O modelo que se segue do ser vaqueiro na sociedade hipolitana traz consigo toda uma carga cultural que apresenta aspectos diferentes de outras culturas, mas que baseiam se em atividades desenvolvidas no cotidiano, e que a caracteriza o lugar social de onde surgem, e que os moldam de

acordo com sua comunidade. Viana (2006, p. 11) relata que: “A cultura e tradição se entrelaçam no cotidiano e fazem com que por muitas vezes sejam confundidas dentro do âmbito estrutural da sociedade.”

**Imagem 1: Vaqueiros usando sua tradicional vestimenta na pega do gado**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

Perceber a importância que a cultura e tradição tem para os vaqueiros é algo simples de se observar, bastando olhar para a forma como estes trabalhadores se vestem, ou apenas escutar algum “causo” que os homens tem para contar. Conhecer um pouco da realidade dos sujeitos é mergulhar em um mundo onde o sobrenatural e as crenças são ainda mais fortes e presentes, e baseiam muito da vida e cotidiano dos trabalhadores.

A respeito de cultura e tradição, STEIN (2003, p.76) descreve:

Com relação a cultura, o indivíduo deve ir aprendendo, ou já ter assimilado a capacidade de interpretar todo o universo simbólico e tradicional que passa a reger a sua vida e o seu convívio do ponto de vista do equilíbrio, da auto inserção, e do ajuste com os outros. Com relação a sociedade, o indivíduo deve aprender a seguir certas regras que dele são esperadas, em seu comportamento social, e que lhe permitem uma correspondência tranquila as exigências da sociedade. Com relação a personalidade, a capacidade de mover se na cultura, tradição e na sociedade deve conduzir a uma integração de tal tipo que o indivíduo constitua a sua identidade. (STEIN, 2003, p .76)

É importante perceber como tais aspectos da cultura e tradição do ser vaqueiro foram repassadas para a vivência no cotidiano da comunidade de Monsenhor Hipólito, e quais as contribuições que tais fornecem em sociedade, não apenas nestes âmbitos, mas em relação as crenças, na religiosidade, nos mitos que são criados no município, e perceber também as alterações que suas particularidades sofreram com o passar dos anos e décadas em decorrência do contato com o personagem. A representatividade do vaqueiro vai além da atividade esportiva, ou do trabalho e manejo com o gado, ela representa um estilo de vida para as pessoas que vivem em locais como Monsenhor Hipólito, e também em muitas outras cidades de toda a região que sofre uma influência direta, e de todo o processo de identidade que o cerca, sejam com sua religiosidade, seus mitos e simbologias que já fazem parte da História local.

A representação do vaqueiro nordestino possui um estereótipo presente no imaginário popular devido a uma construção social que faz referência as décadas passadas, e que foram reforçadas por passá-lo dos anos pela historiografia, de um homem em cima de um cavalo, utilizando o chapéu de couro, gibão, a perneira, guarda-peito, luvas, entre outros acessórios. Tal caracterização possui um destaque em meio a sociedade, devido as suas cores e as sua forma de produção com a utilização do couro.

*Imagem 2: Vaqueiro com suas vestimentas tradicionais durante a realização da Missa do Vaqueiro e agricultor, no ano de 2010.*



Fonte: Secretária municipal de Monsenhor Hipólito

Perceber a importância das vestimentas que carregam, é também compreender a tradição e cultura de tais homens, passada de geração em geração onde o uso de tais roupas os qualificavam perante a sociedade, e também lhes dava um sentimento de pertencimento ao grupo dos vaqueiros, atribuindo aos homens um papel de agente cultural e também o diferenciando dos demais.

A representação do vaqueiro é importante em caráter cultural, mas também socialmente falando, afinal é a figura do trabalhador sertanejo, que enfrenta dificuldades, mas que as encara de cabeça erguida, com força, lealdade e firmeza, e que também é sombrio, valente. A figura emblemática que enxergamos dentro do âmbito cultural e da historiografia, junto a literatura e as crenças populares, é que realça a grandeza do agente histórico dentro da sociedade desde os primeiros anos de desbravamento do território que conhecemos como Piauí, até os dias atuais.

Segundo o trabalho de JODELET (1984) representatividade social tem por significado:

O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais abrangente mente, ela designa de uma forma de pensamento social. As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientado para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tal, elas apresentam características específicas no plano de organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A marca social dos conteúdos ou dos processos da representação remete a condições e ao contexto das quais emergem as representações, as comunicações pelas quais elas circulam as funções que ela têm na interação com o mundo e com os outros. (JODELET, 1984, p. 361-362.)

A importância social do vaqueiro atinge os mais variados anseios da sociedade em questão, chegando a religião, as crenças, aos mitos e ritos e que baseiam as credências que até hoje regem o pensamento religioso, em meio ao cotidiano conturbado desse homem. Segundo Audrey Tapety (2007, p. 8) “As práticas de curar no rastro do boi, com embira de mororó, rituais para fazer com que bezeros se tornem bravos e velozes; crenças em bois encantados fazem reconhecer uma identidade do vaqueiro piauiense, assegurando-lhe um modo específico de estar no mundo”

Assim, o vaqueiro possui uma infinidade de crenças e costumes que os cercam, e os fazem mais próximos do lado religioso e espiritual. Tal aspecto é perceptível para quem vive em locais com grande ascendência a cultura do vaqueiro, afinal, em cidades pequenas do interior tais mitos se propagam e são repassados até hoje.

Neste segmento a oralidade é a principal fonte de conhecimento que é repassado de pai para filho, e assim sucessivamente, fazendo com que a identidade cultural do seu povo, junto com seus mitos, suas lendas, e todos os aspectos que rodeiam o imaginário do vaqueiro se mantenham vivas, e que se perpetuem nas gerações seguintes. O uso desta fonte histórica é de primordial importância

para que até hoje, tenhamos acesso a tantas histórias, contos, causas, e todo o mistério que rodeia a figura do vaqueiro nos séculos que se sucedem.

Sobre a História oral, Thompson diz que “A história oral devolve a história as pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.” (THOMPSON, 1998, p.337)

A gama de crenças que temos acesso através desta história oral enquanto crianças, também se faz presente no discurso do entrevistado, Evangelista – vaqueiro de 61 anos, residente do município de Monsenhor Hipólito, em sua narrativa, revela alguns destes contos já previamente conhecidos, mas que fazem parte de sua vivência, e que fazem parte de suas crenças desde o seu tempo de criança.

Desde crianças ouvíamos nosso pai falar que ouvir a mãe da lua (forma como a coruja é conhecida nesta cidade) se aproximasse e ficasse cantarejando perto da nossa casa a noite, deveríamos ir atrás dela e a matar, pois ela chamaria a morte para perto de nossa casa, ou de algum familiar próximo a nós. (EVANGELISTA<sup>1</sup>, 2020)

Em toda a sua narrativa, Evangelista continua a contar os “causos” que ele escutou desde criança e que ainda carrega em sua fala, mitos que hoje ele repassa para seus netos, e que um dia já contou para seus filhos, e que fazem com que a cultura do vaqueiro se perpetue por diversas gerações. Outro “causo” que é citado em sua entrevista chamou bastante atenção pela forma como é contada. Em sua narrativa Evangelista revela a seguinte história:

Quando éramos crianças, nosso pai contava para mim e meus irmãos que se um bode tossisse na roça, deveríamos já ficar preparados para o trabalho no dia seguinte, pois aquilo representava que a chuva estava chegando, e que o nosso inverno seria bom, o que nos deixava alegres, pois junto com a chuva, traria a fartura para nossas roças, e garantiria que pudéssemos nos manter na época de seca. (EVANGELISTA, 2020)

As crenças que permeiam a figura do vaqueiro fazem parte do seu ofício, muitos presenciaram ou tiveram pessoas próximas que tiveram contato com coisas do além, que não podem ser explicadas. É através do seu discurso que estes homens conseguem propagar a sua cultura por onde forem.

---

<sup>1</sup> EVANGELISTA, Antônio Gomes. 61 anos, nascida em 09/08/1960, Campo Grande /PI, residente em Monsenhor Hipólito/PI, Casado, 4 filhos, vaqueiro e agricultor.



O vaqueiro é uma figura supersticiosa em sua natureza, e pouco a pouco as suas crenças foram disseminadas na cultura regional, sendo presentes nos dias atuais. Sobre as crenças presentes em seus discursos, CABRAL (2008) relata que:

O espírito simples e crédulo dos homens dos sertões, vivendo isolados em seu próprio mundo, acreditando em tudo e confiando em todos, foi uma porta aberta para a entrada de crenças supersticiosas. As amarrações ou feitiços, as assombrações e outras crendices pautavam a sua vida. Por elas tinham respeito e temor. Eram os feitiços que não deixavam o vaqueiro prosperar, nem as vacas parirem. Enfeitiçadas, as crianças pereciam e as mulheres tinham a espinhela caída. Só o rezador, geralmente um vaqueiro esperto era capaz, segundo a crença, de tirar o encanto das amarrações e curar as doenças. (CABRAL, 2008, p.134.)

**Imagem 3: Momento de fé e religião dos vaqueiros durante a procissão em sua homenagem nesta importante data, no ano de 2008.**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

A fé e esperança carregada por tais homens por melhores condições, são importantes pontos de sua identidade cultural, além de serem fatores de difusão da mesma diante a comunidade, afinal, em algum momento tais membros tiveram algum contato com os mitos e crendices pertencentes a cultura do vaqueiro, e que por isso, se fazem presentes no imaginário cultural e social do município de Monsenhor Hipólito.

Perceber como a religiosidade é presente na vida e cotidiano do vaqueiro torna se um dos pontos principais do trabalho, compreender que a esperança por tempos melhores vai além das condições climáticas, mas também em condições sociais e econômicas para a comunidade, demonstra para nós enquanto pesquisadores a realidade sobre a fé de tais personagens. Sobre esta religiosidade, MARTINEZ (2002) traz a seguinte descrição:

Contudo, (o sertanejo) ao renovar as esperanças em dias melhores, chuvas, chegada de alimentos, terra, sobrevivência dos roçados, essa mesma religiosidade converte se em fator de promoção social e de expectativa de uma sedentarização, em condições outras. (MARTINEZ, 2002, p. 254)

As credices estão impregnadas no cotidiano do vaqueiro, enraizada em seus passos, e consequentemente por vivermos em uma sociedade com forte presença do vaqueiro, nos nossos também. A presença das superstições e mitos forçam tal figura a estar sempre alerta e preparado, e a propagação do seu discurso para diversas gerações torna tal superstição presente no cotidiano da comunidade. É o poder de convencimento e persuasão de tais aspectos que realçam e exaltam a força de sua identidade, e a importância da sua cultura para a sociedade.

*Imagem 4: Vaqueiros indo receber a hóstia sagrada durante ato religioso em sua homenagem, no ano de 2013.*



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

A representação do vaqueiro com suas tradicionais vestimentas aguardando pelo momento da hóstia demonstra parte da religiosidade e tradição em estado puro, onde ambos os movimentos se



misturam, e tornam este homem para além de um trabalhador sofrido, um devoto e esperançoso em tempos melhores para ele e seus conterrâneos.

Em tempos atuais, o fenômeno da globalização exerce o seu poder também diante tal classe, principalmente sobre os jovens vaqueiros das gerações mais recentes, podemos acompanhar muito destas novas roupagens nos nascidos dos anos 90 em diante.

Durante a entrevista com Danilo Ferreira<sup>2</sup>, – Vaqueiro de 23 anos, residente no município de Monsenhor Hipólito, que contou de sua trajetória no ramo das vaquejadas e dos trabalhos no campo, e como a tradição e as crenças são de extrema importância para o meio, mas que também existem novas roupagens ou alterações na forma como o trabalho é realizado. Em sua narrativa o entrevistado nos revela algumas de suas histórias:

Eu iniciei a minha caminhada como vaqueiro aos 10 anos, quando cuidava do gado do meu avo, naquela época, tudo era muito tradicional, a gente passava o dia em cima dos cavalos correndo atrás do gado, indo até o poço para que eles pudessem beber água, e ao final do dia íamos para casa, sentávamos ao redor de uma fogueira para jantar, e meu avo contava as histórias de quando ele era vaqueiro e das assombrações que ele via durante o transporte do gado para as fazendas do Pernambuco onde os pastos duravam o ano inteiro, e aquilo mexia com a minha imaginação. No outro dia pela manhã a gente fazia basicamente a mesma coisa, e por muito tempo esta foi a minha vida cotidiana. (FERREIRA, 2020)

Podemos notar no relato de Ferreira, como a tradição do vaqueiro chega as gerações de uma forma muito parecida com o que já era pensado há muitas décadas atrás, porém, é sofrendo com mudanças que tendem a ocorrer em decorrência da globalização e dos avanços tecnológicos observados nas últimas duas décadas. Em seu relato o entrevistado confirma algumas alterações de forma que alguns traços da antiga tradição são deixados de lado, e onde surgem as novas ferramentas em sua geração:

Antigamente o uso do cavalo para tocar o gado era indispensável, hoje é comum o uso de motocicletas onde podemos percorrer o caminho mais rapidamente, além de contar com o apoio da buzina que estas possuem que ajudam no processo de tocar. Também possuímos grupos de Whatsapp para interagirmos entre nós vaqueiros, e compartilharmos nossas histórias e causos, com pessoas de todas as idades e de locais e Estados diferente, o que expande a experiência das pessoas que participam deste grupo e que partilham destas histórias. (FERREIRA, 2020)

---

<sup>2</sup> Ferreira, Danilo Santos. 23 anos, nascida em 13/02/1998, Monsenhor Hipólito /PI, residente em Monsenhor Hipólito/PI, Solteiro, sem filhos, vaqueiro.

Tais alterações são perceptíveis entre a vivência da velha guarda e a nova geração dos vaqueiros, os aspectos tradicionais e as novas tecnologias trazem uma dualidade para o emprego de tais homens e o serviço prestado por eles em sociedade, o acréscimo e a introdução de novas tecnologias diante a cultura vigente do vaqueiro apenas agregam a vasta gama já pertencente a esse imaginário, mas que não supre a tradicional montaria em cavalos, que continua a ser utilizada. Essas mudanças se tornam apenas uma ferramenta que pode ser utilizada no processo de manejo com o gado e que podem de alguma forma melhorar o trabalho do vaqueiro em determinada ocasião onde a montaria não possa acontecer.

A memória se faz importante durante a construção de uma cultura, uma vez que é graças a memória coletiva que as crenças, os mitos, ritos, e todos os aspectos culturais da sociedade se mantém vivos no imaginário local, e que as permitem repassar as suas experiências para as próximas gerações, ao tempo em que fornecem o sentimento de pertencimento a um grupo a para seus participantes.

VON SIMSON retrata a memória como:

É formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla. Se expressa no que chamamos de lugares da memória. Eles são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (VON SIMSON, 2003, p. 13).

Essa memória caracteriza o indivíduo e a sociedade que o cerca, é através desta que as tradições e a cultura continuam presentes no imaginário da sociedade, seja ela de forma individual ou coletiva. Podemos entender isso, por exemplo, a partir dos mitos que cercam a cultura local, se não existisse a memória e a propagação no imaginário de mitos antigos, como os contados por Evangelista, hoje provavelmente tais credices não existiriam mais na sociedade, sendo perdida uma vasta gama cultural e religiosa do município. É primordial que usemos suas memórias através das fontes orais, para que haja a manutenção de muitas histórias e contos que marcam a cultura do vaqueiro em Monsenhor Hipólito e principalmente para garantir que não se percam ainda mais aspectos culturais pelo caminho da História.

A memória individual dos personagens que são mencionados no trabalho até então, ambos os vaqueiros entrevistados são de épocas diferentes, de lugares sociais diferentes, e de contextos diferentes, mas a atividade por eles realizada fornece para ambos o sentimento de pertencimento á figura do vaqueiro, afinal, suas experiências mesmo que distintas, além de suas memórias e as formas como são interpretadas os caracterizam como vaqueiros. Este pertencimento se faz

importante para o vaqueiro, afinal, pertencer a um grupo social é de extrema necessidade para o ser humano, para fixar raízes e fazer parte de uma sociedade.

BAUNEISTER e LEARY (1995, p.21), em sua obra, trazem que, “O sentimento de pertencimento é uma motivação que seres humanos têm para procurar e manter laços sociais profundos, positivos e recompensadores.”

Assim, a memória e o pertencimento fazem grande diferença na realidade social dos membros de uma sociedade, essencialmente para o vaqueiro que tem a sua maior gama de acontecimentos sozinho, afinal, é um trabalho solitário junto ao gado, e que fica exposto apenas para aquele que presencia. Apenas através de sua memória e da história oral, é que estes “causos” que o cercam serão contados para sua família e amigos, e assim, deixando de ser algo apenas de um personagem que teve seus sentimentos seja eles de medo, espanto ou quaisquer diante das imagens e dos sons que foram vistos/ouvidos, para fazer parte do coletivo, e do imaginário de outras pessoas.

**Imagem 5: Reunião entre vaqueiros da zona rural de Monsenhor Hipólito em um horário de descanso para os mesmos, no ano de 2014.**



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Evangelista.

## 1.2 VAQUEIROS: COTIDIANO E TRABALHO NO MUNICÍPIO DE MONSENHOR HIPÓLITO

O ser vaqueiro vai além de um agente cultural para o município de Monsenhor Hipólito, sendo também um fator econômico que envolve os homens e mulheres que sobrevivem com o manuseio do gado, sendo através dessa atividade que os trabalhadores conseguem manter sua família e o seu estilo de vida, tornando se uma importante figura comercial para a o município.

A pecuária e a agricultura se destacam como atividades econômicas mais importantes na região de Monsenhor Hipólito, assim como em parte do Nordeste, desde os períodos coloniais quando se iniciou a povoação do território em questão. A proporção de pessoas que hoje dependem das práticas para sobrevivência no Estado/Região é enorme, atingindo milhões de pessoas diretamente, como nos diz CASTRO (2012).

No Nordeste brasileiro, a agricultura e pecuária tem papel de destaque na economia regional. 82,6% da mão de obra do campo equivale à agricultura e pecuária familiar. A região é a maior produtora nacional de banana, respondendo pelo montante de 34% do total. Lidera, ainda, a produção da mandioca, com 34,7% do total. Segunda maior produtora de arroz. Também ocupa a segunda posição na produção frutícola, com cerca de 27% da produção nacional em 2008. É também uma das maiores fornecedoras de derivados bovinos como carne, leite e couro do País com 23% da produção anual, tanto para importação como exportação de tais produtos. (CASTRO, 2012, p. 7.)

O alto número de pessoas empregadas nesse campo se dá pela pouca estrutura, e tecnologia que encontramos em grande parte do Piauí, aliada a falta de oportunidades, empregos e de outras formas de sobreviver em terras secas e onde as chuvas irregulares não permitem o desenvolvimento de uma maior diversidade vegetal, e trazendo limitações para as pessoas que convivem com essas dificuldades.

Quando é o período de chuvas tiro um pouco do tempo livre em que não estou trabalhando o gado, para fazer as plantações de feijão, milho e melancia que são os produtos que dão nessa terra, e que nos ajudam bastante durante estes meses em que temos as chuvas mais regulares, o feijão além de nos alimentar é um produto valioso para a venda, quando apanhamos em grandes quantidades a alegria é muito grande, com o valor que consigo nestes produtos, posso comprar algumas coisas pra dentro de casa, na ultima safra eu consegui comprar uma TV melhor, para que pudesse assistir aos jornais e jogos que eu gosto. Quando o ano não é bom, nos ficamos com esses alimentos para consumo, já que as condições para compra seriam bem escassas. (EVANGELISTA, 2020)

O trabalho paralelo dos vaqueiros com a agricultura é algo comum para o meio em que estão inseridos, mas que encontra bastante dificuldade por conta da irregularidade de chuvas e que por muitas vezes atrapalha as plantações, além de prejudicar os demais agricultores do município e região, como podemos acompanhar no trabalho de CASTRO (2012), onde o autor relata que:

Um dos grandes problemas da região são as estiagens prolongadas, mais fortes nos anos em que ocorre o fenômeno climático do El Niño. Isso provoca o êxodo rural, a perda de produção, minimizados seus efeitos por meio de ações governamentais de emergência, através da construção de açudes e outras obras paliativas, como a transposição do rio São Francisco. (CASTRO, 2012, p. 11.)

A irregularidade nas chuvas acarreta muitas vezes nas perdas de plantações e conseqüentemente, prejuízos para produtores onde estão inseridos também os vaqueiros, o que torna o manejo com o gado ainda mais importante para a sua sustentação, fazendo com que esse trabalho seja a sua única fonte de renda, e por tabela, deixa também a sua atividade ainda mais difícil em meio as matas secas e espinhosas que fazem parte do bioma.

O trabalho desenvolvido pelos vaqueiros é de grande importância para a economia do Piauí desde o início de sua ocupação, segundo Furtado (1987), uma vez que o litoral, a zona da mata e o agreste do Estado foram destinados para o plantio de cana de açúcar, enquanto a região do sertão piauiense ficou destinada para a pecuária, principalmente a criação de gado. Muito em conta do clima desfavorável, a criação de gado era extensiva, solto na caatinga e exigia a atividade do vaqueiro para a captura destes animais.

**Imagem 6: O vaqueiro Piauiense observando o gado em meio as terras secas e o mato denso ao longe, no ano de 2018.**



Fonte: Acervo pessoal de Antônio Evangelista.

O vaqueiro hipolitano é habituado ao trabalho em currais, que se inicia logo nas primeiras horas do dia quando tem a tarefa de tirar o leite das vacas, e separar os bezerros mais jovens do restante do rebanho, e dura até o final do dia quando o mesmo é atarefado de levar o gado até o poço mais próximo e dar água ao rebanho.

A atividade realizada no sertão, onde predominam as matas secas, cercadas de espinhos e plantas que agriem a pele durante o trabalho com o gado, é onde a utilização das vestimentas tradicionais se faz necessária para que possam desempenhar o seu papel de manejo com o gado, e também nos proporciona uma inter-relação entre aspectos distintos em um mesmo panorama: A cultura e a economia do vaqueiro estão presentes na atividade. Ao mesmo passo que podemos notar a cultura nas suas vestimentas, que são importantes para que possa adentrar as matas atrás do gado, essas roupas são as ferramentas de trabalho, que estão diretamente ligada a sua questão financeira, uma vez que depende do trabalho para manutenção de sua família, e para que possa arcar com suas responsabilidades.

A remuneração paga aos vaqueiros ajuda de forma direta a economia da cidade, sendo um fator importante para que esta continue a girar, ajudando o comércio e conseqüentemente as pessoas e famílias que serão beneficiadas por a criação de empregos no município, onde predominantemente os comerciantes dependem dos agricultores e criadores para sua sustentação, já que ambas são as principais atividades econômicas do município, e possuem um importante papel na sustentação do comércio local.

Sobre a importância dos vaqueiros e agricultores no comércio local, um dos mais antigos comerciantes de Monsenhor Hipólito, José de Marcos<sup>3</sup> nos fala sobre o impacto que tais trabalhadores estabelecem na economia municipal.

Eu sou comerciante a quase 40 anos aqui em Monsenhor Hipólito, e nesta longa caminhada dentro de estabelecimento posso dizer que 80% ou mais dos meus clientes são agricultores, vaqueiros e criadores de gado de nossa região, eu não imagino o que seria de nossa cidade se estas pessoas não fossem tão batalhadoras a ponto de aproveitar qualquer sereno e já corresse para suas terras para plantar, ou da bravura destes que enfrentam o nosso sol e as matas com espinhos correndo atrás do gado para sobreviver. Sem o esforço e o trabalho, e conseqüentemente o dinheiro e a renda que estas pessoas conseguem, eu acredito que nossa cidade já nem existiria mais, os jovens que tem oportunidade de ir embora não pensam duas vezes, sabem que aqui as oportunidades são muito poucas, e isso não atrai quem tem a chance de crescer na vida. Ainda bem que o amor por a cultura da vaquejada ainda existe e ainda podemos encontrar

---

<sup>3</sup> MARCOS, José dos Anjos. 78 anos, nascida em 21/01/1953, Campo Grande /PI, residente em Monsenhor Hipólito/PI, Viúvo, 2 filhos, comerciante e agricultor .

jovens que amam verdadeiramente esta profissão e que por isso a seguem, mesmo que não com a mesma quantidade que antigamente quando era isso que nossos pais nos ensinavam. Eu fico feliz por hoje existir esta data em que comemoramos a missa do vaqueiro, é o dia onde todos paramos para exaltar esta figura tão importante, e também é um dia onde podemos formar a nova geração de vaqueiros de nossa cidade, alimentando este amor dentro de nossas crianças. (MARCOS, 2020)

Apesar de tantas dificuldades enfrentadas ao ser um vaqueiro na região, a paixão e o orgulho de representar uma classe tão importante para a cultura local tende a se renovar continuamente, afinal, é uma satisfação pessoal para quem segue seu caminho, mantendo uma cultura viva e prosperando. CASTRO (2012) fala sobre isso em seu texto, quando diz que:

Na realidade, o vaqueiro nunca vai acabar, está no sangue, na tradição dos rincões interioranos deste Brasil e que este progresso que aí está, revela outros instrumentos capazes de alavancar mais a cultura e o trabalho destes homens, mas jamais irá apagar o brio, a beleza, o encanto que sempre vai estar presente mostrando suas experiências de vida para quem quiser aprender. (CASTRO, 2012, p. 25)

O vaqueiro José Evangelista, durante sua entrevista nos fala sobre a importância do seu serviço para a sustentação de sua família e de como seria a sua situação se não houvesse a oportunidade de trabalho como vaqueiro em uma das fazendas de criação no interior do município.

O dinheiro que recebo no meu serviço como vaqueiro é o que utilizo para fazer a feira do mês para minha família, mesmo não sendo um valor tão alto, ele me proporciona colocar a comida na mesa de casa, o que já me traz alegria muito grande. Ser vaqueiro é acima de tudo um amor, não ganhamos muito, mas é o suficiente para nos manter, e trabalhar com o que você ama faz valer a pena, não me imaginaria trabalhando em algo diferente, espero que possa ter saúde para continuar com o trabalho no que amo até que possa me aposentar, e após isso, ser um vaqueiro apenas por diversão. (EVANGELISTA, 2020)

A sustentação de muitas das famílias que residem no interior, é proveniente destes trabalhos autônomos, como o desenvolvido por vaqueiros e agricultores, contudo, para os mais jovens, que ainda não carregam tamanhas responsabilidades familiares, e que mesmo assim trabalham para se sustentar, o dinheiro recebido é usado para outros fins, como o jovem Heitor Moura de 16 anos nos conta.

Geralmente o dinheiro que recebo é gasto com minha diversão, seja bebida ou comida, o pagamento que é feito na sexta feira é usado pra sair com meus amigos para algum bar ou festa durante o fim de semana, que é quando eu posso ficar até mais tarde na rua, sem a

preocupação de acordar no outro dia as 5 da manhã. Geralmente quando não quero sair, eu gosto de pedir alguma comida diferente das que comemos todos os dias, e fico em casa com minha família, o que é algo muito bom também. Eu gosto de pensar que estou aproveitando a minha adolescência, pois sei o que me aguarda no futuro quando for o chefe de família da minha própria casa, mas enquanto isso não acontece, eu vou aproveitando da forma que posso. (MOURA<sup>4</sup>, 2020)

Assim, o desenvolvimento da pecuária realizada na região e que abrange a figura do vaqueiro no manuseio do seu gado vem a se tornar uma das principais atividades econômicas do município, garantindo o emprego e sustentação de grande parte da comunidade hipolitana, seja direta ou indiretamente.

Sobre tal ponto, ANDRADE (1963) apresenta uma visão importante sobre como se deu tanto a utilização de terras para a pecuária desde o início da ocupação do Piauí, como também a sua importância tanto para seu desenvolvimento, como para a sua manutenção e para que pudesse atrair cada vez mais pessoas para residir, ocupar e trabalharem uma terra árida e que não era adequada para grandes plantações.

Foi a pecuária quem conquistou para o nordeste a maior porção de sua área territorial. Complementou a área úmida agrícola com uma atividade econômica indispensável ao desenvolvimento da agroindústria do açúcar e ao abastecimento das cidades nascentes. Carreou para o sertão os excedentes de população nos períodos de estagnação da indústria açucareira e aproveitou a energia e a capacidade de trabalho daqueles que por suas condições econômicas e psicológicas não puderam integrar-se na famosa civilização da “casa-grande” e da “senzala.” (ANDRADE, 1963. p. 183)

Mesmo com os avanços tecnológicos obtidos após a globalização, a criação de gado e o trabalho na agricultura no Piauí continuam longe de ser desenvolvidos e/ou modernizados, fazendo com que o trabalho braçal ainda seja predominante no Estado, e local onde destacam-se vaqueiros e agricultores, utilizando-se do tradicional, e caracterizando diretamente o serviço de ambos, sendo sua fonte de renda e garantindo o sustento de sua família.

Sobre o seu trabalho, em sua entrevista Evangelista traduz para nós algo que transpõe apenas a questão financeira em si, com a sustentação de sua família, mas também o amor pela sua profissão, e principalmente pelo manejo com os animais.

Eu acredito muito que nunca houve para mim a possibilidade de não ser vaqueiro, como eu disse, comecei a trabalhar na roça com meu pai para ajudar em casa desde criança, e me apaixonei por isso, pelo

---

<sup>4</sup> Heitor Henrique de Moura, 16 anos, nascida em 11/01/2005, Monsenhor Hipólito /PI, residente em Monsenhor Hipólito/PI, Solteiro, sem filhos, Vaqueiro e Estudante do 1º ano do Ensino Médio no UEJAB no turno da noite .



trabalho com o gado, esperava o dia todo para que chegasse a tarde e eu pudesse levar o rebanho até um poço que havia no nosso interior para que os animais pudessem tomar água, durante aquele trajeto eu já planejava como seria minha vida quando ficasse mais velho, e pudesse ter o meu próprio gado de estima, mas também imaginava como seria o trabalho para os donos de gado de nossa região, e assim aconteceu naturalmente, posso dizer que realizei os meus sonhos de criança, e hoje trabalho com o que sempre quis, e sou muito feliz com isso. (EVANGELISTA, 2020).

O ser vaqueiro hoje antes de qualquer coisa é uma saída para a sobrevivência econômica na comunidade em Monsenhor Hipólito, é uma oportunidade de emprego onde o estudo e a capacidade intelectual não são requisitadas, e onde muitos jovens que não querem se dedicar aos estudos podem adentrar sem grandes dificuldades. Perceber a importância que o movimento traz culturalmente e também economicamente para o município se faz importante para que possamos analisar o cotidiano atual da sociedade hipolitana. Sobre tal visão, um dos comerciantes mais antigos de Monsenhor Hipólito, o senhor José de Marcos, falou sobre a importância que o evento traz para seu estabelecimento.

A missa do vaqueiro é um evento importante para nós comerciantes, pois atrai centenas de pessoas do interior para a cidade, e também conta com a participação de pessoas de outras cidades e localidades, o que aumenta o fluxo de pessoas que passam por meu estabelecimento e aumenta as minhas vendas de forma espetacular, afinal, as pessoas precisam se alimentar, se refrescar já que o evento percorre todo o dia, e grande parte da noite. Nós geralmente só abrimos pela parte da manhã no domingo, mas por esta data ser tão importante e por conter tamanha participação popular, eu e meus filhos, além dos 3 funcionários que emprego nos revezamos para que possamos manter o comércio aberto o dia inteiro e com isso, aumentar a nossa receita. Já a noite na parte festiva, saímos para comemorar e compartilhar a alegria destas importantes figuras para nossa sociedade. (MARCOS. 2020)

Apesar de ser uma figura tão importante para o meio, além de ser um agente cultural para esta região, a profissão do vaqueiro por muito tempo foi desvalorizada e não reconhecida pelo sistema em nosso país, vindo a ser regularizada apenas no ano de 2016, com a Emenda número 13.346 <sup>5</sup>que declara que: Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial. Mesmo com esta resolução, ainda assim milhares de trabalhadores dessa área morreram sem um dia verem o seu trabalho sendo oficializado e reconhecido por lei. Sobre tal aspecto Chico Castro, em

---

<sup>5</sup> Lei outorgada no dia 26 de novembro de 2016, estabelecendo o trabalho de ser vaqueiro, e tornando as vaquejadas movimentos culturais e artísticos nacionais.

um trabalho de 2010 relata sobre essa desvalorização que se perpetuou sobre a figura do vaqueiro até poucos anos atrás.

Em geral, os vaqueiros são unidos, companheiros, namoram pouco, casam cedo, são solidários, bons pais, bons amigos e o trabalho para eles é sério, com muita dedicação, determinação, resolutividade. Quem escolhe ser vaqueiro, esquece os estudos. A Previdência Social não reconhece a profissão de vaqueiro. O próprio patrão não o valoriza, não reconhece sua atividade sofrida. Quando o vaqueiro vai fazer um documento, como um cidadão tem direito a fazer e preenche os dados cadastrais e profissionais, tem que deixar de lado essa história que é vaqueiro e registrar no papel que é agricultor e isso para eles, é uma tristeza, uma decepção, frustração, um sentimento de inexistência. (CASTRO, 2010, p. 4)

Tal fala retrata bem o sentimento de impotência que o vaqueiro carregava até poucos anos atrás quando finalmente passou a ser reconhecido como uma atividade própria, se desprendendo da agricultura, e despertando o sentimento de pertencimento e de valorização diante a sociedade, que até então lhes era negado por conta da lei em vigor no país.

### **1.3 VAQUEJADA, ESPORTE E TRADIÇÃO**

A vaquejada surge como uma importante ferramenta de cunho cultural para o nordestino, e mais precisamente para o vaqueiro. Diversos fatores contribuíram para o surgimento do movimento como é conhecido hoje, desde os primórdios da ocupação das terras piauienses para a prática da pecuária, assim como as pegas de boi, e também contatos entre diferentes regiões durante o transporte do gado para o litoral nordestino.

Uma vez que o rebanho do gado estava pronto para serem abatidos e transformados em fonte de renda para exportação de sua carne e de seu couro, os vaqueiros tinham a dura missão de transportar estes animais, até os grandes centros urbanos, localizados em portos de exportação, como Salvador e Recife. Caminhos esses que passavam por Estados diferentes, locais com culturas diferentes, e que faziam com que houvesse a interação entre suas culturas, do vaqueiro piauiense, com o de outros lugares. Sobre os caminhos do gado Santana (1985) nos diz que: “O boi era largamente comercializado nas Capitais do Nordeste, abastecendo também a região de Minas Gerais.” (SANTANA, 1985, p. 86)

Era durante esse caminho que os vaqueiros entravam em contato com diferentes culturas e a simbologia de outros grupos sociais, era também onde ouviam muito das tradições que levava de volta pra casa após o transporte do gado. Aliado a isso, as grandes distância das fazendas e os

grandes centros, e o convívio regular entre os moradores apenas das vilas criavam o imaginário próprio para cada localidade no período

A falta de caminhos e estradas transitáveis também dificultava o transporte dos animais, era comum a perda de algumas cabeças durante a longa jornada enfrentada até outros Estados, fosse por fome e sede em caminhos secos e com poucas pastagens. Como o estado passou por uma popularização gradual onde a ocupação se deu lentamente, o interior até então pouco povoado tornava a jornada enfrentada pelo vaqueiro até os grandes centros ainda mais difícil.

Durante muitas décadas o transporte do gado foi precário, forçando o vaqueiro e o rebanho aos extremos durante a longa jornada do interior do Piauí até as longínquas grandes cidades litorâneas, que seriam responsáveis por exportar os produtos e trazer a renda para os grandes donos de terras que ocupavam tais interiores. Sobre o transporte destes animais, Prado JR (1972, p.62) traz que: "O gado é conduzido através dessas grandes distâncias em manadas de centenas de animais. Cruzando regiões inóspitas, onde até a água é escassa, e não raro inexistente, o gado chega naturalmente estropiado ao seu destino.

O sucesso do transporte dos animais em rebanhos, aliado com a exportação de produtos derivados, forneciam o capital necessário para os grandes produtores da época investirem cada vez mais na produção pastoril. Com os investimentos, surgiram novas formas de tratar os animais, e locais em que se pudessem separar os bois do gado mais jovem e das vacas.

A saída encontrada por os produtores se deu com a construção dos currais, que neste momento histórico surge como uma importante ferramenta para o máximo aproveitamento do rebanho, e também para os vaqueiros que teriam menos viagens, e poderiam tratar dos animais de forma controlada dentro dos currais. Mesmo sem perceber, alterou também o âmbito cultural do personagem, sendo de certa forma o início, mesmo que não exclusivamente, a um dos movimentos mais importantes para a sua identidade cultural nos dias atuais, que é a vaquejada.

No lado econômico, a vantagem para o vaqueiro surge como podemos acompanhar na fala de TAPETY (2007, p.38):

Nestes currais o gado, como atualmente, era criado solto e reproduzia-se espontaneamente. O rebanho, à proporção que crescia e multiplicava-se, ia formando novos currais, e os vaqueiros com a quarta parte do gado que recebiam pelo seu trabalho tinham condição de fundar seu próprio curral embrião de futuras fazendas de criação. (TAPETY, 2007. p.38)

Com a parte destinada aos vaqueiros de acordo com a reprodução do gado que existiam nos currais, muitos dos trabalhadores que prestavam serviços para os grandes proprietários de terras

poderiam, aos poucos, irem iniciando o seu próprio rebanho, sendo assim, conseguindo condições melhores para a sua vida, uma vez que sobreviviam principalmente dos recursos que eram oferecidos pela terra, já que as condições eram poucas, e também não existiam muitas opções devido as longas distâncias entre as fazendas e os grandes centros. SANTOS FILHO (1956) nos diz que:

O vaqueiro é o gerente das atividades econômicas da fazenda de criação e, nesta condição é, ainda capataz. É pago através do sistema de partilhas ou sortes. De 4 cabeças que nascem lhe toca (ao vaqueiro há ao depois de pagos os dízimos, são obrigados quando fazem a partilha ao entregarem ao senhor da fazenda tantas cabeças como acharão nelas. O meio de pagamento era o próprio rês, uma a cada quatro crias nascidas por safra. Na hora da partilha, marcaria com seus ferros os animais recebidos, possuindo ainda o direito de criar seu gado livre, com livre acesso aos recursos, naturais ou não, da fazenda. (SANTOS FILHO, 1956 ,p. 223)

Para o vaqueiro os currais além de proporcionarem uma significativa melhoria em seu trabalho, surge como forma de diversão, uma vez que o difícil trabalho realizado em grandes campos abertos, havia sido controlado, poderiam em espaço reduzido, treinar essa pega de gado para quando fossem realizar o transporte dos animais. A autoestima desse homem era muito importante para a sua função, e ser o melhor nas pegas de gado, serviria para alimentar o seu orgulho e ego, o que fazia com que cada vez mais houvesse competições e disputas nos currais, para saberem quem era o melhor vaqueiro. Como podemos acompanhar no trabalho de Lima (2016, p. 32), “A competição que ai se inicia teria um papel importante posteriormente para que a pega de gado pudesse hoje, se tornar um esporte muito importante para o sertanejo, e importante também para o aspecto cultural do Nordeste como é a vaquejada.”

Sobre a pega de gado, Tapety (2007, p. 38) nos diz que “É nesta região das caatingas do sertão que campeiam os vaqueiros, a arriscar suas vidas em aventuras prazerosas de pega de bois. Uma raça enamorada pela profissão que resiste através dos tempos.”

Então, de uma atividade corriqueira do manejo com o gado surge uma das principais atividades culturais regionais que temos acesso em dias atuais, a pega de gado iniciada em meados do século XVIII fomentou o ego e o orgulho do vaqueiro a ser o melhor em seu trabalho, e influenciou diretamente a competitiva vaquejada que podemos acompanhar no cotidiano atual.

## **2 - A MISSA E A VAQUEJADA EM MONSENHOR HIPÓLITO**

A análise do evento proposto neste trabalho tem como objetivo reconhecer o importante serviço desenvolvido por todos esses homens que enfrentam desafios diários para sustentar, não apenas da sua família, mas também a sua cultura viva e rica em seus aspectos. A manutenção da

atividade juntamente com sua tradição fortalecem as raízes culturais estabelecidas no Estado desde as épocas de povoamento ainda no século XVII, contribuindo assim com o prosseguimento da atividade pelas décadas seguintes. Contudo, o envolvimento acadêmico com a relação desses e a importante construção cultural deixada pela figura do sertanejo até poucas décadas atrás era mínima, pela até então não legalização do seu trabalho, e por isso, a falta de documentos oficiais para comprovar suas importantes considerações juntos a sociedade, uma vez que até então, a história oral não era comumente aceita neste meio, como nos relata WILLIAMS (1979): “Nas últimas décadas, o trabalho de investigação histórica foi redimensionado com o uso dos diversos materiais históricos como linguagens” (WILLIAMS, 1979, p. 24).

Uma das linguagens adicionadas aos materiais históricos foram às fontes orais, que possuem um papel importante para o historiador, que a partir de então possui uma nova ferramenta para a elaboração de uma história local, ou até mesmo mais ampla, sem a necessidade da utilização de documentos oficiais em seus trabalhos, mas se utilizando das memórias e experiências daqueles que estiveram presentes em tal momento, e acompanharam de perto a forma como o acontecimento se manifestou e os resultados que este trouxe para a realidade de cada um. Sobre a utilização da História Oral, MENEZES (2005) nos diz que:

A História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente, permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que o viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita a ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a visão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões essas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narram (MENEZES, 2005, p. 28)

As contribuições da História Oral vão além do campo historiográfico cultural em que atua, mas também influência na vida social do entrevistado, que sente a importância dos acontecimentos os que cercam, e recebem com isso o devido valor que o seu trabalho merece. Sobre a entrevista, Khoury (2010, p. 7) nos diz que: “O ato da entrevista constitui naquele momento em que o entrevistado poderá expressar a sua versão dos fatos, uma forma do narrador controlar o tempo e resistir ao esquecimento.”

A entrevista realizada com os membros da comunidade apresenta-se como um marco histórico em suas vidas simples e pacatas, onde se predomina o marasmo do interior, e uma relação distante com os estudos e trabalhos produzidos dentro da academia. Para a maioria desses homens, esta vem a ser a única entrevista concedida em toda a sua vida, tornando especial o momento em que dividem um pouco de suas memórias e experiências que serão utilizadas para a construção de

um trabalho acadêmico. Assim, significa um fato relevante na trajetória do entrevistado e também de sua família.

É através das memórias e experiência que surgem os aspectos da cultura do vaqueiro em dias atuais, e que podemos observar e estudar mais a fundo como esta cultura influencia diretamente sobre a sociedade atual em Monsenhor Hipólito. Sobre a Cultura MATTA (1981) nos diz que:

Para nós “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (MATTA, 1981, p. 2)

Outro aspecto importante a ser notado durante a construção do trabalho foi o da tradição do ser vaqueiro, que está presente em terras piauienses desde a época da ocupação do território desde meados do século XVII, e após tanto tempo ainda se faz presente na localidade. Sobre a tradição que perdura até os dias atuais, LENCLUD (2013) nos diz que:

A noção de tradição remete, antes de tudo, à ideia de uma posição e de um movimento no tempo. A tradição seria um fato de permanência do passado no presente, uma sobrevivência em obra, o legado ainda vivo de uma época; contudo, de uma época esgotada. Seria algo de antigo, por suposto conservado relativamente sem mudança, e, por certas razões e segundo certas modalidades, objeto de transferência para um novo contexto. A tradição seria o antigo persistindo no novo. (LENCLUD, 2013, p. 151)

A realização do evento na cidade de Monsenhor Hipólito tem como intuito promover a permanência e o legado do ser vaqueiro para as novas gerações, e com isso, manter também uma grande gama dos aspectos culturais e religiosos que circundam o folclore do município, e a sua identidade cultural própria.

A missa do vaqueiro e agricultor de Monsenhor Hipólito é um evento que ocorre no primeiro domingo do mês de maio, e que tem como finalidade exaltar a cultura de tal personagem para toda a região, não se restringindo apenas ao município em questão, mas também a diversas localidades vizinhas que participam da atividade. O evento já é tradicionalmente conhecido em toda região, devido a vasta dimensão da cultura exaltada durante a programação do seu dia, e contando com a participação de membros que são provenientes de outros Estados, contribuindo com a mescla de culturas e vivências entre os participante.

Durante o dia a programação é diversa e vai desde passeio com os cavalos pelas principais ruas da cidade, a Missa em prol do vaqueiro e agricultor de Monsenhor Hipólito, momento de fé e de religiosidade do vaqueiro do município, contando também com o almoço comunitário servido

aos participantes no centro de convivência municipal, onde continuam as atrações festivas durante toda a tarde.

Já durante a noite chega o momento da tradicional vaquejada que é realizada em um parque próximo ao centro da cidade, e posteriormente ao momento da vaquejada é o momento de festejar com a realização de uma festa em praça pública, com a participação de artistas locais representando a cultura local, e contando com a participação de artistas e bandas famosas, já se apresentaram nesse palco como Mano Walter, Luan Estilizado dentre tantos outros, responsáveis por encerrar a noite e essa data tão importante para cenário histórico-cultural da região.

**Imagem 7: Prefeito municipal durante a cavalgada em prol dos vaqueiros no ano de 2015**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura

## 2.1 ORIGEM E DIFICULDADES

A missa do vaqueiro é o principal movimento cultural na cidade de Monsenhor Hipólito, e que é desenvolvido pela Secretária Municipal de Cultura, nas quais 13 edições já foram realizadas desde a sua criação, sendo a última no ano de 2019 por conta da pandemia.

A ideia sobre a realização deste momento cultural foi proveniente de uma importante figura religiosa dentro do município, o Pároco Miguel Bezerra juntamente com a secretária de cultura da época Pécy Bezerra. Logo de início, sua ação gerou um grande contentamento dentro da comunidade, devido a falta de datas comemorativas em alusão ao vaqueiro, e a todo os seus aspectos culturais que permeiam o cotidiano tranquilo do pequeno município.

Hoje em dia, o projeto da missa do vaqueiro continua como um dos principais eventos do calendário cultural municipal, sendo responsabilidade do secretário de cultura Ernandes Bezerra, que apesar de toda a dificuldade enfrentada em sua secretária, trabalha para que cada vez mais esta data se torne relevante e traga maior visibilidade ao cenário regional do vaqueiro.

Contudo, é claro que como qualquer atividade que for desenvolvida com recursos públicos, o evento é constantemente ameaçado e passa por dificuldades para a sua realização, por conta da falta de fundos e da falta de apoio do governo Estadual, em prol de atos importantes para a cultura local como é a missa do vaqueiro.

O Sr. Ernandes Bezerra<sup>6</sup> – Secretário de cultura de 34 anos- que está a frente do importante projeto há 4 anos, relata durante sua entrevista algumas das dificuldades e a forma como são contornadas em seu trabalho para garantir a continuidade do importante evento municipal.

São muitas dificuldades para administrar e gerir todos os eventos que são desenvolvidos em nossa cidade, mas a dificuldade principal sempre esta relacionada aos recursos, inerentes a realização do evento, a pasta da cultura em si, os recursos são limitados, no mais, eu diria que com o apoio que recebemos dos participantes e do gestor da cidade, conseguimos contornar com uma maior facilidade. Então, no que tange a realização deste evento, a maior dificuldade encontrada é a financeira, mas que com jeitinho conseguimos contornar e realizar este grande evento com a qualidade que nossa população merece. (BEZERRA, 2020)

Outro ponto a ser destacado em relação as dificuldades que surgem para a realização do evento é a organização durante a programação da data, que conta com a participação popular em grande escala, e algumas pequenas confusões que acontecem por esse motivo, e que acabam tirando um pouco do brilho de um evento que deveria ser alegre e de exaltação a um agente cultural tão importante para o município, e que acaba com manchar a linda festa programada aos vaqueiros.

Sobre esta situação Heitor Moura – Vaqueiro de 17 anos - relata que é um dos fatores que não trazem orgulho para uma festa tão bonita e importante dentro do nosso cenário municipal e estadual, afinal, o momento que seria de alegria e de união entre estes vaqueiros, acaba por perder um pouco do seu brilho e beleza por conta destes atos impróprios para a ocasião.

Para nós vaqueiros, esta data é a mais esperada do ano, o dia que podemos nos juntar a todos nossos amigos, e também a pessoas vindas de outros lugares, e juntos poderemos desfilar em nossos cavalos e mostrarmos para a nossa comunidade

---

<sup>6</sup> BEZERRA, Ernandes de Moura. 34 anos, nascida em 11/01/1987, Picos /PI, residente em Monsenhor Hipólito/PI, Solteiro, sem filhos, Enfermeiro e Secretário Municipal de Cultura.



como nosso trabalho diário é importante e belo. Deveria ser um momento de união entre nós vaqueiros, mas infelizmente existem aqueles que querem estragar a nossa festa, e fazem estas besteiras e acabam por chamar a atenção. Acredito que muito disso seja por conta da grande quantidade de pessoas reunidas, algo que é muito complicado de se lidar, e de organizar, e que por isso ainda acontecem estes fatos isolados. Mas isso não é capaz de tirar o brilho e a beleza que nós mostramos pelas ruas de nossa cidade nesta data tão importante. (MOURA, 2020)

**Imagem 8: Cavalgada dos vaqueiros pelas principais avenidas da cidade de Monsenhor Hipólito, em 2017.**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura

O movimento pelas principais ruas do município chama ainda mais atenção aos verdadeiros donos da festa, que vão a frente montados em seus cavalos e desfilando uma cultura que permeia na comunidade desde a sua criação, 80 anos atrás, e que continua viva e importante para a história local de Monsenhor Hipólito.

Evangelista durante sua entrevista também fala sobre tamanha é a importância dessa festividade para ele e todos os outros membros desta cidade, que praticamente não contam com outras atividades que relatem a vivência do vaqueiro nestas terras.

Eu participo da missa do vaqueiro desde a primeira edição há 16 anos, e sempre fico ansioso e contando os dias para que esta data chegue logo, afinal é o dia que o nosso trabalho e o nosso estilo de vida mais se destacam e são exaltados hoje em dia. Nós sabemos que as coisas estão complicadas pra todo mundo nestes tempos de crise, seca, e que o dinheiro que o governo manda não é suficiente para um grande evento como este, e por isso, eu e muitos outros vaqueiros buscamos ajudar, não é muito, mas é o que podemos oferecer para que este importante evento possa perdurar por os anos e que mantenha vivo a nossa cultura. (EVANGELISTA, 2020)

É a partir do esforço coletivo dentro da gestão municipal, aliado aos vaqueiros, comerciantes e demais pessoas envolvidas, que esse evento municipal pode ser realizado anualmente. Apesar dos escassos recursos que são deferidos para tais atividades, o resultado obtido nas festividades são importantes para a manutenção do aspecto cultural no município.

**Imagem 9: Prefeito e seus secretários ao lado do Padre Expedito, durante a realização da missa do vaqueiro, no ano de 2016**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura

Imagem tirada pós-momento religiosos durante o evento da Missa do vaqueiro e agricultor, onde os principais líderes políticos da cidade juntamente com o Pároco do município se dispõem a tirar fotos com demais participantes do evento, a direita.

## 2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Apesar das poucas datas que visam exaltar a figura do vaqueiro durante o ano, ao menos no dia que lhes é dedicado em Monsenhor Hipólito a programação é abundante em seu decorrer, a movimentação dos vaqueiros começa ainda de madrugada pelas ruas do município, chegando ao centro, que marca o local do encontro entres tais homens e mulheres, e que recebe também a visita e participação de membros de outras comunidades que veem prestigiar e participar da importante data comemorativa.

Logo ao amanhecer é possível encontrar os homens e mulheres que se deslocam de suas localidades, e que se encontram em frente a praça municipal para a grande jornada que lhes espera durante o dia. A data se inicia com uma alvorada festiva marcada pela participação das principais autoridades do município realizando a abertura oficial do evento, que conta também com alguns discursos dos vaqueiros mais antigos do município, contando um pouco dos relatos de sua vivência e de mudanças que ocorreram no seu ofício durante os muitos anos de serviços na comunidade.

A tradição e a memória retratados nos discursos feitos no evento, se opõe ao mundo que é conhecido hoje pelas novas gerações e o contato direto com a Internet e a globalização, que permeiam a sociedade atual. O discurso baseado em raízes culturais antigas, aliada a experiência dos homens durante o seu serviço enquanto vaqueiro em uma época diferente, trás impacto no imaginário dos participantes presentes na festividade, as memórias dos vaqueiros tem o poder de demonstrar claramente a mudança cultural que foi compreendida durante as últimas décadas, e o impacto que tais alterações trouxeram para o cotidiano dos novos vaqueiros, mas que permanecem vivas em seus representantes mais antigos. Partindo deste ponto BURITY (2002) retrata que:

Cultura deveria, portanto, ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de “significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época a outra. Mas, apesar de pequenas divergências, essa visão de cultura já se generalizou entre os historiadores. (BURITY, 2002, p. 15)

A importância dos aspectos culturais tradicionais representados nos discursos feitos na festa do vaqueiro possuem uma conotação de manutenção, as falas dos personagens envolvidos tem o papel de perpetuar as raízes culturais do ser vaqueiro, fazendo com que aspectos de sua história não sejam perdidos ou esquecidos durante as mudanças que fazem parte de qualquer cultura fluída, que não permaneça estática, mas que não abandonem as suas raízes em razão da modernidade.

Moura durante sua entrevista relata como o evento é importante e a sua representatividade aos mais jovens, que na data podem ter um maior contato com a cultura e os seus aspectos de uma fonte primária e onde podem basear e aumentar o seu conhecimento sobre o ser vaqueiro.

A missa do vaqueiro promove para nós mais jovens um encontro com um mundo que hoje já não existe mais, mas que permanece vivo na memória de muitos destes vaqueiros que já viveram e presenciaram uma grande diversidade de acontecimentos nesta vida, e que podem nos repassar muitas das suas vivências, e da forma como estes enxergam o mundo. A experiência que nos é repassada por estes homens nos faz imaginar um mundo totalmente diferente do que vivemos hoje em dia, com toda a modernidade que podemos contar, mas que retratam como era desempenhado o papel de ser vaqueiro quando nada disso ainda existia, e isso faz com que possamos abrir a nossa mente, e imaginar que o modo como muitos trabalham hoje ainda é tradicional, e isso é importante para que a cultura do vaqueiro Hipolitano continue viva por o passar dos anos.(MOURA, 2020)

Sobre o ponto da tradição e encontro entre gerações, GIDDENS (2000) traz um importante relato sobre a forma como podemos perceber, e a real importância que o evento possui para a construção de uma identidade própria para a comunidade de Monsenhor Hipólito:

Nos lugares sertanejos onde são mantidas estas festas a identidade cultural construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos vaqueiros de outrora. A festa é considerada “uma tradição na medida em que o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos e compartilhados”, como salienta (GIDDENS, 2000, p. 56-57).

**Imagem 10: Grande participação de crianças e jovens durante a cavalgada da missa do vaqueiro, no ano de 2016**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura

A presença dos jovens carrega um peso a mais para a realização do evento, sendo esse um elemento de incentivo para a manutenção da cultura e tradição do ser vaqueiro, e também o principal e único momento de contato com a comunidade ao ano, fazendo assim com que tal data seja um divisor de águas no montante diante futuras gerações de vaqueiros que irão continuar o legado de um importante personagem cultural para a comunidade.

A tradição do ser vaqueiro está presente e influencia diretamente o âmbito social e cultural no município de Monsenhor Hipólito, a forma como a história do personagem está diretamente ligada a história local, atingindo a comunidade e as suas festividades demonstra a importância sociocultural que a figura representa no cotidiano hipolitano. O evento da missa do vaqueiro tem por objetivo além de exaltar sua figura, atrair a atenção do restante da comunidade e manter nos seus participantes vivos os aspectos que caracterizam a cultural local e regional.

Sobre a tradição, e a forma como se repassa durante as décadas, podemos destacar o relato de VIEIRA (2007, p.12) sobre como a figura do vaqueiro é enraizada e idealizada para nós, uma vez que já associamos prontamente o nome às suas roupas, vestimentas, apetrechos e demais utensílios utilizados em seu dia a dia.

O vaqueiro carrega na cabeça um chapéu simples ou adorna do com marcas feitas a ferro quente, em forma de uma cuia, com dois



cordões paralelos e em lados opostos que são amarrados ao queixo. O tronco é revestido por duas peças um para - peito que se estende até a cintura e um gibão, mais parecido com paletós, ou seja , com mangas que se estendem até os pulsos. Em épocas de festas utiliza -s e uma espécie de colete que recobre as costas e o resto do tronco, estes geralmente feitos com lã original, às vezes, branca, malhada, negra ou marrom. O dorso das mãos é protegido por luvas e deixam livres os dedos por debaixo do couro, para o manuseio das rédeas do cavalo. Nas pernas sobre uma cal a comum, vestem perneiras fixadas na cintura, soltas na extensão do corpo, estendendo-se desde a virilha até o início dos pés, deixando livre o movimento total das pernas. Nos pés utiliza-se alpercatas simples ou trançada ou ainda botinas de cano curto. Além do homem a vestimenta se estende ao cavalo, que é também recoberto por peças de couro, cobrindo a face, o peito, pescoço e metade das pernas que, as vezes, são encobertas por couro para também protege-las das caatingas mais difíceis de entrar. (VIEIRA, 2007, p. 12)

Muito da tradição do ser vaqueiro passa pelas roupas que utilizam, sendo essas partes essenciais da forma como são enxergados e caracterizados em sociedade, os deixando diferente dos outros que estão ao seu redor. A utilização de tais roupas são permanência trazidas de séculos passados, e também uma importante ferramenta de trabalho para esse personagem, além de um grande marco da manutenção da cultura local e regional.

**Imagem 11: Vaqueiro hipolitano com suas vestimentas tradicionais em um momento de fé carregando a imagem de São Jorge durante a cavalgada no ano de 2018.**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura

A fé e a religiosidade que envolvem a figura do vaqueiro estão presentes em basicamente todos os momentos do seu cotidiano, a sua devoção e o seu respeito diante sua religião e a todo o imaginário que os cercam são parte importante dos discursos e falas de tais homens, que assim como a fé e esperança, carregam também o medo e as superstições consigo durante os dias em que cavalgam realizando o seu serviço.

A tradição encontrada no evento faz com que a festa do vaqueiro e agricultor tenha uma importância enorme para o município de Monsenhor Hipólito, a manutenção dessa festividade é importante para o caráter cultural da comunidade, sendo através dela que os vaqueiros do município têm além de sua cultura, seu trabalho exaltado, e que possuem a oportunidade de repassar um pouco de sua experiência e conhecimentos aos demais participantes.

### **2.3 FESTIVIDADE E RELIGIOSIDADE NA MISSA DO VAQUEIRO E AGRICULTOR**

O momento religioso seguido das festividades já são tradição para a comunidade, além de toda importância social e econômica já discutida no trabalho como um todo, é nesse momento onde os participantes se dirigem para a Igreja Matriz e acompanham a missa em sua homenagem, e que é acompanhada por os demais participantes da comunidade.

**Imagem 12: Vaqueiros e demais membros da sociedade unidos em um momento de fé durante a celebração da Missa do Vaqueiro e Agricultor, no ano de 2016**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

A intensa participação de vaqueiros e populares que encontramos na imagem é o fator primordial para que o evento se torne importante para o município e toda a região que o cerca, o contato entre as pessoas oferece aos participantes além de uma linda festa, um momento cultural importante, assim como a absorção de diversos aspectos culturais que são repassados durante o dia, seja por meio da fala, as características religiosas que os cerca, e muitos outros aspectos que estão presentes no ambiente durante a realização do evento.

Ao observamos a imagem e relacionando com a fala dos participantes até então, podemos perceber a grande participação popular que se concentra na data para comemorar juntamente aos vaqueiros, e demonstra tamanha a importância tanto do evento, como do personagem para a comunidade, algo possível de se acompanhar na fala de Ernandes Bezerra, secretário de Cultura do município:

Realizar este evento para estas pessoas é a atividade mais prazerosa para mim quanto secretário, poder ver toda alegria, emoção e fé nestes homens que tanto sofreram e sofrem, e poder realizar um evento dançante os mais jovens se divertirem é gratificante. Mas de longe o que mais me emociona é quando durante e depois do evento, estes mesmos virem me agradecer apenas por cumprir o meu trabalho que é organizar um grande evento para eles, isso me enche os olhos e me motiva para que ano após ano eu possa tornar o evento cada vez melhor e maior, e para que eles tenham mais e mais orgulho de serem vaqueiros, e de serem hipolitanos. (BEZERRA, 2020)

Perceber os aspectos que trazem alegria e emoção para os vaqueiros é o que temos que destacar durante a construção do trabalho, é exaltar a alegria de um povo sofrido, que mesmo com tão poucos momentos de festividade em prol de sua profissão, ainda consegue socializar com as demais pessoas, e principalmente agradecer por algo que deveria ser o mínimo por tudo que representam e fazem por a comunidade.

Enaltecer o momento de festa em prol desse personagem, parte também de um ponto de vista além do cultural, mas também humano, uma vez que a festa foge do ambiente apenas hipolitano e percorrem muitas outras cidades e Estados. O intuito da missa do vaqueiro de Monsenhor Hipólito é engrandecer a figura do vaqueiro nordestino, que sofre com a seca, que passa por dificuldades, mas que nunca perde a sua fé em dias melhores, e os demais aspectos que forjam o caráter do personagem. Sobre seus aspectos, CUNHA (2003) relata que:

O vaqueiro, criou-se em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças. Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Cedo encarou a existência pela sua face



tormentosa. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta (CUNHA, 2003 p. 116, 117)

Apesar de todo o sofrimento e momentos de desilusão durante sua trajetória, o vaqueiro tem no ato religioso, em suas crenças, e principalmente em sua fé, uma forma de escape para seus momentos de sofrimento. A sua religiosidade é uma das principais bases para que o evento no município de Monsenhor Hipólito pudesse ter nascido e se desenvolvido durante os últimos 15 anos e que, assim pudesse fazer parte do calendário comemorativo da cidade, como o principal evento religioso e cultural da região.

Imagem 13: **Cartão convite a comunidade e cidades vizinhas, para a realização da XI festa do vaqueiro e agricultor, no ano de 2018.**



Fonte- Secretária Municipal de Cultura.

Se não contasse com a participação popular, seja do próprio município, e também de outras cidades, provavelmente esta festa não teria a importância muito menos a expressividade que possui hoje, essa engrandece e diversifica o evento, e traz a ele novas visões e também aspectos culturais que são importantes para a formação Cultural do município de Monsenhor Hipólito.

O evento visa também outra importante figura para o município, que é o agricultor, atividade essa que compreende também muitos vaqueiros que retiram de suas plantações sua sobrevivência, com o plantio do feijão, da mandioca e de outros alimentos importantes para economia local e a sustentação de milhares de famílias.

É uma forma específica de agradecimento a estes homens por toda a sua importância dentro de nossa comunidade, por que não é só missa dos vaqueiros, os agricultores também são figuras centrais neste evento, e merecem reconhecimento por isso. Nós devemos este evento religioso e cultural a estes homens, como forma de agradecimento por todo o trabalho prestado, e também por serem tão importantes para nossa cultura local. (BEZERRA, 2020)

A fala do secretário Ernandes Bezerra sobre a pluralidade que podemos encontrar durante a festividade, uma vez que o encontro de cultura e tradição não se restringe apenas ao campo do ser vaqueiro, mas também se estende a questão da agricultura, outra importante atividade econômica e também social do município, e as formas e técnicas empregadas nas terras hipolitanas, mesmo com a dificuldade enfrentada pela seca e pela falta de inovação e de maquinário, mas que ainda é responsável pelo trabalho e sustentação de milhares de pessoas na comunidade.

É no pós-missa, onde de fato o encontro cultural acontece, onde os participantes se reúnem em um espaço mais amplo e interagem sobre a sua vida e suas experiências, durante o almoço comunitário em prol dos vaqueiros, é o momento de reencontrar grandes amigos e se formarem novas amizades. O encontro acontece no CCI – Centro de convivência do idoso- que disponibiliza o seu espaço para que os vaqueiros e agricultores da cidade, e os convidados de cidades vizinhas possam se acomodar e partilhar dessa data tão importante para a cultura de toda a comunidade.

**Imagem 14: Vaqueiros e demais participantes se servindo do almoço preparado em sua homenagem no CCI, no ano de 2018**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

É o diálogo o grande responsável pela miscigenação de ideias e de experiências encontradas em tal festividade, sentados as mesas estão pessoas de cidades, Estados e culturas diferentes, com conhecimentos e histórias distintas, e que através da conversa conseguem moldar um novo imaginário de crenças e mitos e garantindo a continuidade da vasta gama cultural do vaqueiro para a comunidade.

O apoio e a participação popular como já mencionado, é também muito importante tanto para o evento como para os vaqueiros, em saber que o seu trabalho e a sua cultura venham a ser valorizados junto dos demais membros da comunidade faz com que sintam se orgulhosos de todo o trabalho que desempenham dia após dia, e que todas as dificuldades e o esforço empregado seja recompensado. Sobre a participação popular Heitor Moura traz a seguinte afirmação:

Ver nossa família, nossos amigos, pessoas que conhecemos, e também todos aqueles rostos desconhecidos nos traz um sentimento de alegria, por saber que representamos algo para eles, que nosso trabalho e também estilo de vida não passa despercebido. Eu acredito que se não tivesse seguido a vida de vaqueiro, também participaria destes eventos como parte da comunidade, para aprender um pouco sobre nossa cultura local, e também por o movimento e festividade que gira em torno deste dia, poder encontrar com pessoas diferentes, encontrar com pessoas de outras cidades, são oportunidades que temos de conhecer gente nova e ainda conhecer novas culturas, por isso imagino que isso altere alguns pensamentos errados que as pessoas possam ter contra a nossa figura de vaqueiro, e também a figura do agricultor. (MOURA, 2020)

**Imagem 15: Espaço utilizado para o almoço comunitário em prol dos vaqueiros e agricultores, promovendo o encontro e o contato de diferentes gerações e comunidades. , no ano de 2019**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

Preservar viva a memória e a experiência dos vaqueiros e agricultores é um traço importante para o evento, e um dos motivos para que venha a ser realizado anualmente e conte com tamanha participação. Sobre a importância de ouvir e aprender com a memória e experiência, BOSI (1994) nos diz que:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 1994, p. 39)

Trabalhar com essa memória torna se importante para nós como historiadores, e principalmente como membros de uma sociedade, para que possamos acompanhar a fluidez e as mudanças que ocorrem com a cultura, com a religião, com os mitos, e tantas outras alterações que ocorrem, ou que virão a ocorrer a partir destes encontros onde a memória comum afeta diretamente o cotidiano desta comunidade. Para THOMPSON (1992, p.17): “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos “.

Para FÉLIX (2011), o trabalho com a memória do vaqueiro tende a se tornar muito importante para que possamos construir uma identidade cultural local, esta memória tende a analisar aspectos, e também influenciar a introdução de formatos diferentes ao que encontramos em sociedade hoje, fazendo com que cada vez mais, seja aprimorada a forma de trato de terras e animais, pontos essenciais para a prática das principais atividades econômicas da região.

O resgate da cultura local, os seus agricultores, a sua técnicas, e a forma como criam e cuidam do seu gado, é uma forma de valorizar e perpetuar a sua cultura. Estas categorias e suas nuances precisam ser valorizadas, ganharem mais reconhecimento e possam abranger também os aspectos culturais locais propriamente, além dos aspectos de vida e de comunhão, fazendo assim com que se perpetuem com o passar dos anos. Estes vaqueiros são testemunhos vivos daquilo que é a experiência do sertão e de como se sobrevive em terras devastadas pela seca, enfrentando as dificuldades do cotidiano de lutas e sacrifícios. (FÉLIX, 2011, p. 21)

As alterações acompanhadas durante a vida, tanto a privada como em grupo, fazendo parte de uma sociedade, afeta diretamente a forma como se convive com a mesma, as alterações encontradas no convívio do vaqueiro com as modernidades da nova geração é uma dessas, e cabe aos historiadores observar as mudanças significativas para a vida de tal grupo, seja na forma como



ele trabalha, na sua percepção religiosa, nos mitos que acredita, ou em qualquer outro aspecto do mundo que o cerca.

Para encerrar o “grande dia” de homenagens, ocorre a festa do vaqueiro que vem a ser um desdobramento da missa que ocorre durante toda a noite, o novo evento conta com a apresentação de diversos artistas que representam a esta cultura do vaqueiro, grandes nomes do cenário já se apresentaram no município, como por exemplo, Mano Walter e Júnior Viana. Sobre a Festa do vaqueiro CASCUDO (1976) retrata a tradição presente no evento nos anos 70, e que ainda são bastantes presentes em dias atuais, e que fazem parte do contexto da missa do vaqueiro atualmente.

A Festa do vaqueiro é uma extensão da missa, sendo que dura mais tempo, e tem mais atrativos, tais como a vaquejada, concurso de aboiador e corridas de argolinhas. Essa faz um percurso na cidade com os vaqueiros montados a cavalo, cantando e ingerindo bebidas alcoólicas e no final do dia forró. (CASCUDO, 1976, p.31)

As permanências encontradas entre o texto e a festividade realizada atualmente demonstra como a cultura do vaqueiro segue enraizada na cultura local há muitas décadas, exemplo disso é a manutenção dos percursos por toda a cidade em forma de procissão, a realização da vaquejada, o forró presente de diversos momentos da festa, além de outros aspectos retratados no texto de quase 45 anos atrás, e que permanecem ainda no cotidiano e na festividade de tal personagem.

Uma maior participação faz com que o evento fique ainda mais bonito e seja motivo de orgulho para os organizadores, e principalmente para os vaqueiros. Sobre esse ponto Ernandes Bezerra atualmente idealizador da missa do vaqueiro nos fala sobre esta festa:

A realização da festa dançante é juntamente com a missa parte principal desta data festiva, afinal, é um momento de descontração para estes homenageados, que realmente não possuem uma grande variedade de datas em sua homenagem, ou de festas que fazem alusão ao vaqueiro ou vaquejada, durante o ano as atrações trazidas a nossa cidade são em sua maioria bandas de forró, as outras festas que ocorrem todo fim de semana só tocam funk e sertanejo, e com isso, nenhuma atração no ano chama a atenção de grande parte dos vaqueiros que já são mais velhos, e não gostam deste tipo de música. Trazer uma atração de vaquejada nesta data se torna ainda mais importante por conta disso, e saber que a população como um todo participa e gosta deste evento, faz com que possamos ter esperança que os contratantes dos clubes tragam mais atrações de vaquejada para nossa cidade. (BEZERRA, 2020)

A participação da comunidade é importante para além do sucesso do evento, é também a oportunidade para que os mesmos tenham o mínimo de contato com a cultura local, que possam

absorver um pouco do conhecimento e o ambiente cotidiano em que o vaqueiro está inserido, e compreender a vastidão da mitologia e simbologia que circunda tal figura.

**Imagem 16: Momento da realização do show da banda Caninana do Forró, no ano de 2016**



Fonte: Secretária Municipal de Cultura.

Momento com maior concentração de pessoas do evento, a festa em praça pública consegue trazer para o universo da festa do vaqueiro e agricultor, uma maior diversidade social e também uma maior variedade de localidades para acompanhar a vaquejada e a festa do vaqueira, além de toda a ramificação cultural que provém do encontro entre os novos participantes que chegam para engrandecer o evento. Partindo da imagem acima da festa do vaqueiro e agricultor do ano de 2016, podemos observar a grande concentração popular presente no evento, que se torna ainda mais atrativo com a adição de pessoas de outras localidades que agregam com a chegada de novas práticas, comportamentos e ações sociais dentro da festividade local. Sobre os aspectos de tais práticas Medeiros (2019) retrata que:

Nessa perspectiva existe perante os indivíduos que promovem e compõem essa prática cultural a construção histórica de um sentido dado através da representação social formada a partir de suas práticas culturais, gestos e comportamentos que constroem o mundo social a partir de representações individuais ou coletivas, mentais, textuais ou iconográficas. Esses fatos compõem a ação em si de representar, mas também, há a demonstração da cultura através dos vários objetos, músicas e ritos que simbolizam a cultura

nordestina e sertaneja presente na cavalgada, na missa e na festa do vaqueiro. (MEDEIROS, 2019, p. 11)

A festa do vaqueiro então possui uma importância significativa no cenário cultural da cidade de Monsenhor Hipólito, e juntamente com a Missa do Vaqueiro se tornam o principal evento de seu ramo que ocorre nessa região, atraindo um grande público e principalmente, tornando possível a manutenção da ideia de ser vaqueiro, e sem dúvidas, contribuindo para que cada vez mais essa data se torne conhecida e possa alcançar ainda mais adeptos nos próximos anos.

## CONCLUSÃO

Durante toda a construção deste trabalho, pudemos observar a longa trajetória e também as dificuldades que são encontradas para que se possa realizar o evento da Missa e Festa do Vaqueiro e do Agricultor no município de Monsenhor Hipólito. Também se teve contato com o tamanho de sua importância e de seu valor cultural e para a fé dessa comunidade. É nítido que o evento é um marco cultural para a cidade, e que tem como intuito a preservação da atividade de dois dos maiores patrimônios culturais regionais. A manutenção e a exaltação dessa atividade vem a ser importante para que as futuras gerações tenham o mínimo de contato com uma vasta cultura e tradição que são provenientes de tais personagens.

Os participantes do evento, sejam eles os organizadores, ou os vaqueiros e agricultores, além de todo os outros membros que agregam no movimento, fazem com que possamos ter uma forte noção da sua importância cultural no âmbito regional hipolitano, sendo assim uma ferramenta que serve para reafirmar a cultura nordestina, sertaneja, como também focar a economia agrícola e pecuária que são presentes no cotidiano, desde os primeiros anos de ocupação da região, e que se perpetuam até os dias atuais.

As heranças tradicionais e religiosas que permanecem em dias atuais na cidade dizem muito sobre quem são a comunidade hoje, e também de onde vieram, exaltar o amor pela vaquejada, pela agricultura, e pela religiosidade presentes na sociedade, são o retrato de uma vasta cultura regional, que compreende práticas, mitos, ritos locais, e que até então são pouco explorados em trabalhos acadêmicos.

A missa do vaqueiro é o momento em que as heranças estão em evidência, e onde os seus participantes tem a sua cultura, sua fé e principalmente as suas memórias aguçadas, o encontro entre gerações faz com que a percepção dos participantes se altere, sendo um momento de aprendizado dos mais jovens em contato com os antigos vaqueiros, e com as suas experiências e histórias nos seus anos de vida e de trabalho.

Sendo assim, a valorização de toda a cultura local, assim como a memória e a religiosidade que estão vivas na figura do vaqueiro e do agricultor necessitavam de uma data para que pudessem receber a atenção e o reconhecimento que mereciam, sendo possível através da missa e da festa do vaqueiro e do agricultor. É de suma importância para a história que as raízes sertanejas, assim como culturais e religiosas continuem a se perpetuar nas gerações que virão, para que a figura do vaqueiro continue prosperando em sociedade, e com ela a sua cultura e fé possam se manter presentes no cotidiano da comunidade.



## REFERÊNCIAS

- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e terra, 1998.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). **The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation**. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497-529. doi: 10.1037/0033-2909.117.3.497
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. 2ª ed. Recife: SUDENE, 1979.
- BRAGA, Renato. **Um capítulo esquecido da economia pastoril do Nordeste**. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1947, t. LXI, p. 149-152
- GOULART, José Alípio. **Brasil do boi e do couro**. 2 vol. (O couro). Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966, p. 25.
- ARINOS, Afonso. **Síntese da história econômica do Brasil**. Salvador: UFBA, 1958, p. 56.
- CARDOSO, Clodoaldo. **Pastos Bons**. Rio de Janeiro, departamento de estatísticas do Maranhão, 1946.
- DINIZ, José Alexandre Felizola. **A condição camponesa em Sergipe: Desigualdade e persistência da agricultura familiar – Aracaju, NPGeo**, 1996.
- STEIN, Ernildo. **Nas proximidades da Antropologia: ensaios e conferências filosóficas**. Ijuí, Unijuí, 2003.
- TAPETY, Audrey Freitas. **“O vaqueiro no Piauí”: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)**. Teresina : UFPI, 2007
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Ideias e manifestações republicanas no sertão Maranhense**. São Luís: 1989.
- MARTINEZ, P. H. **Vida e morte no sertão: histórias das secas no Nordeste no séculos XIX E XX**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 43, 2002.
- PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense , 1972.
- Jodelet, Denise. (1984) **Representation sociale: phénomènes, concepts et théories**. In. S. Moscovid (org.) *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 357-378.
- SANTOS, FILHO, Lycurgo. **Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo – aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1956.

- LENCLUD, Gérard. **A tradição não é mais o que era... Sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia.** História, história. Brasília, vol 1, n. 1, 2013.
- MENEZES, Maria A. de “**História Oral: Uma metodologia para o estudo da memória**”, em VIVENCIA. UFRN/CCHLA. Natal, n28, 2005. Julie A. Cavignan (org) e Márcio M. Valença (editor).
- MONIOT, H. **Didactique de l’histoire.** Paris: Edition Nathan, 1993.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- KHOURY, Y. A. Apresentação. In: PORTELLI, A. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- VALENTE, Maria Odete. **Educação para os Valores.** Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Porto, Asa, pp. 156-158.1989. Disponível em <[http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao\\_valores.pdf](http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf)>. Acesso em 26 mai. 2021.
- GARRIDO, .Ioan del Alcazar i. **As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93, p. 39.
- VIANA, Nildo. **Memória e Sociedade.** Espaço Plural – Unioeste, no 11, mar-jun, 2006.
- POLLACK, M. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos: Teoria e História, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

## APÊNDICE 1- ENTREVISTAS

### **Domingo, 31 de Maio, 2020.**

Entrevista 01- O vaqueiro Hipolitano e sua relação com o evento da Missa do Vaqueiro e Agricultor no Município de Monsenhor Hipólito.

Entrevista com Ernandes Bezerra

João Marcos- Senhor secretário, quando se teve início a ideia da Missa do vaqueiro e agricultor neste município?

Ernandes Bezerra- Este grande evento cultural do município teve início no ano de 2004, por ideia de um de nossos mais importantes párocos, o Padre Miguel, juntamente com a até então Secretária de Cultura do município, a senhora Pecz Bezerra, que tiveram o intuito de promover este evento em alusão aos vaqueiros de nossa região, dando a estes uma data comemorativa que pudessem compartilhar do amor por esta profissão juntamente com toda a comunidade.

João Marcos- Quais as principais dificuldades caídas sobre a realização deste evento tão grandioso e que representa tantas pessoas nesta Região, assim como em todo o Nordeste?

Ernandes Bezerra- São muitas dificuldades para administrar e gerir todos os eventos que são desenvolvidos em nossa cidade, mas a dificuldade principal sempre esta relacionada aos recursos, inerentes a realização do evento, a pasta da cultura em si, os recursos são limitados, no mais, eu diria que com o apoio que recebemos dos participantes e do gestor da cidade, conseguimos contornar tais problemas com maior facilidade. Então, no que tange a realização deste evento, a maior dificuldade encontrada é a financeira, mas que com jeitinho conseguimos contornar e realizar este grande evento com a qualidade que nossa população merece.

João Marcos- Já durante o evento, após todo o processo e o tempo investido, quais pontos você acha que podem ser melhorados para tornar este evento ainda mais atraente?

Ernandes Bezerra- Acredito eu que um ponto a ser melhorado ainda é o da organização popular do evento, este ponto se deve a grande participação da comunidade no projeto da Missa do vaqueiro e agricultor, e que durante a sua realização acarreta em problemas, brigas ou discussões entre os participantes que acaba por manchar um pouco deste belo evento cultural, acredito que as pessoas se respeitando, e convivendo bem durante o evento, este pode crescer a cada ano, afinal, o espaço é aberto a todos que querem participar, desde que estejam ali para exaltar a figura do vaqueiro, ou ao menos, respeita-la.

João Marcos- Quais atividade são desenvolvidas neste dia de exaltação da figura do vaqueiro?

Ernandes Bezerra- A festa se inicia logo ao amanhecer com a alvorada festiva, onde reunimos estes personagens juntamente a comunidade participante, e abrimos o espaço para os mais velhos darem

seus depoimentos de como é ser vaqueiro desde tempos passados, após este momento se tem início a cavalcada pelas principais ruas da cidade, e em seguida a Missa em prol dos vaqueiros e agricultores da cidade de Monsenhor Hipólito, realizada na Igreja Matriz de Santa Ana. Após este momento religioso os participantes se locomovem até o Centro de Convivência do Idoso (CCI) onde é servido o almoço comunitário, e onde também se inicia os shows com artistas da terra. Ao fim da tarde é a realização da tradicional vaquejada em um parque próximo ao centro da cidade que dura até a meia noite, onde se inicia o show em praça pública de grandes artistas do cenário musical, e que cantam o estilo da vaquejada, artistas como Mano Walter, Caninana do forró, Luan Estilizado já foram atrações deste evento, por exemplo.

João Marcos- Qual a sensação obtida após a realização de um evento tão importante e grandioso para você não apenas como secretário, mas também como membro desta comunidade?

Ernandes Bezerra- Realizar este evento para estas pessoas é a atividade mais prazerosa para mim quanto secretário, poder ver toda alegria, emoção e fé nestes homens que tanto sofreram e sofrem, e poder realizar um evento dançante os mais jovens se divertirem é gratificante. Mas de longe o que mais me emociona é quando durante e depois do evento, estes mesmos virem me agradecer apenas por cumprir o meu trabalho que é organizar um grande evento para eles, isso me enche os olhos e me motiva para que ano após ano eu possa tornar o evento cada vez melhor e maior, e para que eles tenham mais e mais orgulho de serem vaqueiros, e de serem Hipolitanos. É uma forma específica de agradecimento a estes homens por toda a sua importância dentro de nossa comunidade, por que não é só missa dos vaqueiros, os agricultores também são figuras centrais neste evento, e merecem reconhecimento por isso. Nós devemos este evento religioso e cultural a estes homens, como forma de agradecimento por todo o trabalho prestado, e também por serem tão importantes para nossa cultura local.

João Marcos- Qual das atividades idealizadas durante o evento da Missa do vaqueiro e agricultor é a mais complexa de ser realizada?

Ernandes Bezerra- Acredito eu, que seja a realização da festa dançante, até mesmo pelo valor atribuído a esta atividade, desde os altos preços cobrados pelos artistas, como também pelo valor pago em palco, som, hotel e demais dependências deste grande evento. Contudo, esta atração é juntamente com a missa parte principal desta data festiva, afinal, é um momento de descontração para estes homenageados, que realmente não possuem uma grande variedade de datas em sua homenagem, ou de festas que fazem alusão ao vaqueiro ou vaquejada, durante o ano as atrações trazidas a nossa cidade são em sua maioria bandas de forró, as outras festas que ocorrem todo fim de semana só tocam funk e sertanejo, e com isso, nenhuma atração no ano chama a atenção de grande parte dos vaqueiros que já são mais velhos, e não gostam deste tipo de música. Trazer uma

atração de vaquejada nesta data se torna ainda mais importante por conta disso, e saber que a população como um todo participa e gosta deste evento, faz com que possamos ter esperança que os contratantes dos clubes tragam mais atrações de vaquejada para nossa cidade.

João Marcos- Em sua opinião, qual a importância da participação de pessoas de outras cidades neste evento?

Ernandes Bezerra- Ter a participação de pessoas de diferentes cidades torna nosso evento ainda mais belo, perceber o contato existente entre diferentes culturas em um mesmo espaço serve para nós como uma forma de dinamizar os aspectos do ser vaqueiro não apenas hipolitano, mas sim o Nordeste, afinal, em nosso evento recebemos vaqueiros Pernambucanos, Cearenses, fazendo assim uma miscigenação do ser Vaqueiro, e atribuindo aos nossos residentes, uma visão distinta de realidades de outros Estados.

João Marcos- Para finalizar, gostaria de agradecer ao Senhor Secretário Municipal de Cultura do município de Monsenhor Hipólito, Ernandes Bezerra, pelo seu precioso tempo destinado a responder tais questionamentos, assim como parabeniza-lo pelo seu brilhante trabalho a frente da pasta, que desenvolve o evento da Missa do vaqueiro e agricultor com tanta maestria e cuidado. Muito obrigado.

**Sábado, 06 de Junho, 2020.**

Entrevista 02- O vaqueiro Hipolitano e sua relação com o evento da Missa do Vaqueiro e Agricultor no Município de Monsenhor Hipólito.

Entrevista com José Evangelista

**Perguntas:**

João Marcos- Quando surgiu em você o desejo de ser vaqueiro?

José Evangelista- Eu acredito muito que nunca houve para mim a possibilidade de não ser vaqueiro, como eu disse, comecei a trabalhar na roça com meu pai para ajudar em casa desde criança, e me apaixonei por isso, pelo trabalho com o gado, esperava o dia todo para que chegasse a tarde e eu pudesse levar o rebanho até um poço que havia no nosso interior para que os animais pudessem tomar água, durante aquele trajeto eu já planejava como seria minha vida quando ficasse mais velho, e pudesse ter o meu próprio gado de estima, mas também imaginava como seria o trabalho para os donos de gado de nossa região, e assim aconteceu naturalmente, posso dizer que realizei os meus sonhos de criança, e hoje trabalho com o que sempre quis, e sou muito feliz com isso.

João Marcos- Você acredita que seus filhos tenham o mesmo desejo de ser vaqueiro, seguindo seus passos?

José Evangelista- Eu acredito que sim, mas eu prefiro que eles estudem e se formem, arrumem bons empregos e levem a vaquejada apenas como uma forma de diversão, tento oferecer pra eles um futuro melhor, com uma maior estabilidade, e tendo isso, eles podem se divertir bastante nas folgas.

João Marcos- A tradição do ser vaqueiro é enorme, cheia de crenças e de mitos, quais as primeiras que você tem contato desde criança?

José Evangelista- As primeiras histórias com que tive contato foram as do rapa-cuia, que dizia que quando os sapos ficam “assobiando” a noite, é sinal de que logo a chuva virá, e que nós poderemos fazer nossas plantações de milho e feijão, além dessa, Desde crianças ouvíamos nosso pai falar que ouvir a mãe da lua (forma como a coruja é conhecida nesta cidade) se aproximasse e ficasse cantarejando perto da nossa casa a noite, deveríamos ir atrás dela e a matar, pois ela chamaria a morte para perto de nossa casa, ou de algum familiar próximo a nós.

João Marcos- Falando sobre a chuva e as plantações, qual a importância destas para a vivência do vaqueiro e agricultor em uma cidade como Monsenhor Hipólito?

José Evangelista- Quando é o período de chuvas tiro um pouco do tempo livre em que não estou trabalhando o gado, para fazer as plantações de feijão, milho e melancia que são os produtos que dão nessa terra, e que nos ajudam bastante durante estes meses, em que temos as chuvas mais regulares, o feijão além de nos alimentar é um produto valioso para a venda, quando apanhamos em grandes quantidades a alegria é muito grande, com o valor que consigo nestes produtos, posso

comprar algumas coisas pra dentro de casa, na ultima safra eu consegui comprar uma TV melhor, para que pudesse assistir aos jornais e jogos que eu gosto. Quando o ano não é bom, nos ficamos com esses alimentos para consumo, já que as condições para compra seriam bem escassas.

João Marcos- O valor recebido pelo manuseio do gado em seu trabalho, é revertido em prol de sua família, sendo suficiente para alguns “luxos”?

José Evangelista- O dinheiro que recebo no meu serviço como vaqueiro é o que utilizo para fazer a feira do mês para minha família, mesmo não sendo um valor tão alto, ele me proporciona colocar a comida na mesa de casa, o que já me traz alegria muito grande. Ser vaqueiro é acima de tudo um amor, não ganhamos muito, mas é o suficiente para nos manter, e trabalhar com o que você ama faz valer a pena, não me imaginaria trabalhando em algo diferente, espero que possa ter saúde para continuar com o trabalho no que amo até que possa me aposentar, e após isso, ser um vaqueiro apenas por diversão.

João Marcos- Falando agora do evento em si, gostaria de saber quais as falhas que ainda acontecem em sua percepção, e que podem ser alteradas pra tornar o evento ainda mais belo e relevante?

José Evangelista- Em minha opinião, o evento é excelente, importante para nossa causa, mas ainda esbarra um pouco na participação popular, em pessoas que não sabem acompanhar o evento em paz, ficam procurando “picuinhas” e brigas que são desnecessárias e que só servem pra estragar o evento. Quando estas pessoas mudarem suas atitudes, acredito que o evento tenha tudo pra crescer ainda mais e se tornar uma atração pra ainda mais pessoas.

João Marcos- O evento da missa do vaqueiro é importante para vocês, pois é o único durante o ano que exalta esta figura, há quantos anos você participa deste movimento?

José Evangelista- Eu participo da missa do vaqueiro desde a primeira edição há 16 anos, e sempre fico ansioso e contando os dias para que esta data chegue logo, afinal é o dia que o nosso trabalho e o nosso estilo de vida mais se destacam e são exaltados hoje em dia. Nós sabemos que as coisas estão complicadas pra todo mundo nestes tempos de crise, seca, e que o dinheiro que o governo manda não é suficiente para um grande evento como este, e por isso, eu e muitos outros vaqueiros buscamos ajudar, não é muito, mas é o que podemos oferecer para que este importante evento possa perdurar por os anos e que mantenha vivo a nossa cultura. Mesmo que seja por apenas esta data, nós vaqueiros nos sentimos queridos por toda a população, e também abraçados por todos que participam e tornam ainda mais belo o movimento do ser vaqueiro.

João Marcos- No dia do evento, que começa logo ao amanhecer, qual seu trajeto até o ponto de encontro? Já dorme pela cidade e vai direto, ou amanhece o dia no interior e de lá se movimenta até o centro da cidade? E o senhor permanece no evento até o final, ou retorna para casa ao fim da vaquejada?

José Evangelista- Eu como moro no interior, acordo as 4 da manhã para me dirigir até Monsenhor Hipólito, onde desde cedo já encontro diversas pessoas nas ruas, muitos já montados em seus cavalos, vestidos e prontos para o dia que nos é destinado. Quando a alvorada se inicia, que nos concentramos na praça central, é que começamos a ter uma noção de como o vaqueiro é importante para nossa cidade, pessoas de todas as idades, desde bebês nos braços dos pais, á crianças montadas sozinhas, até pessoas que desempenham outros serviços mas que mesmo assim são apaixonados pelo esporte ou mesmo por os animais, e que fazem com nossa festa seja ainda maior, contando com o apoio e presença da população em geral, e fazendo com que a cada ano, seja ainda maior. Ao final da tarde, mesmo com as demais atrações que continuam por a noite, é hora de voltar para casa, na segunda feira logo cedo volto ao batente, e o meu emprego é de grande importância para manter a família.

João Marcos- Para finalizar, gostaria de agradecer ao senhor José Evangelista por disponibilizar um tempo valioso do seu dia corrido e responder a estas perguntas sobre esta importante data, e evento que trazem alegria e principalmente fazem parte de nossa cultura local, e dizer que o vaqueiro é uma figura ilustre no aspecto cultural do Piauí desde a ocupação destas terras, até os dias atuais, e que trazem beleza e tradição para a vivência em sociedade, e ajudam a perpetuar aspectos distintos nesta vivência. Muito obrigado pelo seu tempo, e parabéns pelo seu grande trabalho e história de vida.



**Sexta, 12 de Junho, 2020.**

Entrevista 03- O vaqueiro Hipolitano e sua relação com o evento da Missa do Vaqueiro e Agricultor no Município de Monsenhor Hipólito.

Entrevista com Danilo Ferreira.

João Marcos- Com que idade você descobriu que queria ser vaqueiro e o que fez você escolher esta atividade?

Danilo Ferreira- Eu iniciei a minha caminhada como vaqueiro aos 10 anos, quando cuidava do gado do meu avô junto a ele, era algo que me fazia feliz, a gente passava o dia em cima dos cavalos correndo atrás do gado, indo até o poço para que eles pudessem beber água, e ao final do dia íamos para casa, sentávamos ao redor de uma fogueira para jantar, e meu avo contava as histórias de quando ele era vaqueiro e das assombrações que ele via durante o transporte do gado para as fazendas do Pernambuco onde os pastos duravam o ano inteiro, e aquilo mexia com a minha imaginação. No outro dia pela manhã a gente fazia basicamente a mesma coisa, e por muito tempo esta foi a minha vida cotidiana.

João Marcos- Então para você, nunca houve outra opção como estudar, trabalhar em outros ambientes?

Danilo Ferreira- Meus pais queriam que eu me formasse e tivesse uma condição melhor, pois eles sabem como é a vida do meu avô e das dificuldades que ele já enfrentou, mas pra mim, nunca houve outra opção a não ser vaqueiro, a forma como este trabalho me encantou desde criança, não permitiu que eu pensasse em mudar de ideia desde então.

João Marcos- O que o evento da Missa do vaqueiro e agricultor representa pra você?

Danilo Ferreira- Representa o dia que nós somos acolhidos por toda a comunidade, pois durante o ano passamos praticamente como esquecidos para grande parte da população, já que nosso trabalho é basicamente realizado nos interiores, e praticamente não temos contato com o centro da cidade, e que por isso, o evento se torna ainda mais importante pras pessoas não esquecerem de nós, nem da nossa cultura e a importância que o vaqueiro teve e têm dentro da comunidade.

João Marcos- Sobre esta cultura, quais aspectos continuam presentes desde tempos antigos, e quais novos aspectos surgiram na última década em sua percepção?

Danilo Ferreira- Antigamente o uso do cavalo para tocar o gado era indispensável, hoje é comum o uso de motocicletas onde podemos percorrer o caminho mais rapidamente, além de contar com o apoio da buzina que estas possuem que ajudam no processo de tocar. Também possuímos grupos de Whatsapp para interagirmos entre nós vaqueiros, e compartilharmos nossas histórias e causos, com

peças de todas as idades e de locais e Estados diferentes, o que expande a experiência das pessoas que participam deste grupo e que compartilham estas histórias. Existem então novos aspectos que surgem para alterar o panorama do vaqueiro, mas, de toda forma, muitos dos aspectos antigos continuam presentes.

João Marcos- A tradição do ser vaqueiro é enorme, cheia de crenças e de mitos, quais as primeiras que você tem contato desde criança?

Danilo Ferreira- As histórias que meu avô contava sobre espíritos, sobre grandes animais avistados em meio às suas viagens, e tantos outros mitos fizeram parte da minha adolescência e ainda fazem, hoje eu tenho as minhas próprias superstições, eu acredito que caminhar por cima do rastro de cobra traz azar para mim, assim como acredito que se um bode tossir no chiqueiro, é sinal de que a chuva está próxima, e que o inverno será bom para nós, que precisamos tanto dessa chuva. Existe uma grande variedade de crenças entre nós vaqueiros, e que mudam de um para o outro, mas que fazem parte de nossa cultura e são aspectos importantes de nossa vivência.

João Marcos- Para finalizar, gostaria de agradecer ao vaqueiro Danilo Ferreira, que retirou um pouco do seu tempo para responder a estas perguntas, e também agradecer por ser um membro deste grupo tão importante para nós, em comunidade, contribuindo para a manutenção de uma das mais importantes atividades culturais da região Nordeste. Obrigado, e continue com este importante trabalho não apenas como atividade econômica, mas também cultural.

**Terça, 16 de Junho de 2020.**

Entrevista 04- O vaqueiro Hipolitano e sua relação com o evento da Missa do Vaqueiro e Agricultor no Município de Monsenhor Hipólito.

Entrevista com Heitor Moura.

João Marcos- - Com que idade você descobriu que queria ser vaqueiro e o que fez você escolher esta atividade?

Heitor Moura- Eu sempre gostei de cuidar do gado, mas por muito tempo era apenas um passatempo nos finais de semana, mas quando completei 14 anos me desinteressei dos estudos, reprovei de ano, e decidi parar de estudar, e como aqui em Monsenhor Hipólito não existem muitos empregos, principalmente para quem não é formado, eu decidi seguir como vaqueiro, que já era algo que gostava, e quando comecei a ter mais contato com outros vaqueiros, me apaixonei ainda mais, receber a experiência dos mais velhos, ensinamentos, e ouvir as histórias que estes homens tem a contar, fez com que a cada dia mais eu tenha orgulho do trabalho que escolhi para seguir.

João Marcos- Você acredita que o ser vaqueiro ainda não recebe a atenção que merece dentro da comunidade?

Heitor Moura- Sim, infelizmente a falta de datas comemorativas não oferece para nós a atenção que merecemos, principalmente em relação a nossa cultura, que fica exposta apenas na missa do vaqueiro, é nesta data que se promove para nós mais jovens um encontro com um mundo que hoje já não existe mais, mas que permanece vivo na memória de muitos destes vaqueiros que já viveram e presenciaram uma grande diversidade de acontecimentos nesta vida, e que podem nos repassar muitas da suas vivencias, e da forma como estes enxergam o mundo. A experiência que nos é repassada por estes homens nos faz imaginar um mundo totalmente diferente do que vivemos hoje em dia, com toda modernidade que podemos contar, mas que retratam como era desempenhado o papel de ser vaqueiro quando nada disso ainda existia, e isso faz com que possamos abrir a nossa mente, e imaginar que o modo como muitos trabalham hoje ainda é tradicional, e isso é importante para que a cultura do vaqueiro Hipolitano continue vivo com o passar dos anos. Acredito que a chegada de mais datas como esta poderia contribuir bastante para a manutenção da cultura do vaqueiro, principalmente por o contato que existe neste dia entre a comunidade e os vaqueiros, assim como entre os mais experientes e os jovens que ainda não possuem todo este conhecimento.

João Marcos- Qual a sua visão sobre o evento da Missa do vaqueiro e agricultor?

Heitor Moura- Para nós vaqueiros, esta data é a mais esperada do ano, o dia que podemos nos juntar a todos nossos amigos, e também a pessoas vindas de outros lugares, e juntos podermos desfilar em nossos cavalos e mostrarmos para a nossa comunidade como nosso trabalho diário é importante e belo. Deveria ser um momento de união entre nós vaqueiros, mas infelizmente existem aqueles que

querem estragar a nossa festa, e fazem estas besteiras e acabam por chamar a atenção. Acredito que muito disso seja por conta da grande quantidade de pessoas reunidas, algo que é muito complicado de se lidar, e de organizar, e que por isso ainda acontecem estes fatos isolados. Mas isso não é capaz de tirar o brilho e a beleza que nós mostramos pelas ruas de nossa cidade nesta data tão importante.

João Marcos- E em que proporção a participação popular é importante para vocês durante a realização do evento?

Heitor Moura- Ver nossa família, nossos amigos, pessoas que conhecemos, e também todos aqueles rostos desconhecidos nos traz um sentimento de alegria, por saber que representamos algo para eles, que nosso trabalho e também estilo de vida não passa despercebido. Eu acredito que se não tivesse seguido a vida de vaqueiro, também participaria destes eventos como parte da comunidade, para aprender um pouco sobre nossa cultura local, e também por o movimento e festividade que gira em torno deste dia, poder encontrar com pessoas diferentes, encontrar com pessoas de outras cidades, são oportunidades que temos de conhecer gente nova e ainda conhecer novas culturas, por isso imagino que isso altere alguns pensamentos errados que as pessoas possam ter contra a nossa figura de vaqueiro, e também a figura do agricultor.

João Marcos- E como é a questão econômica do ser vaqueiro Hipolitano?

Heitor Moura- Não é um valor alto, e geralmente o dinheiro que recebo é gasto com minha diversão, seja bebida ou comida, o pagamento que é feito na sexta feira é usado pra sair com meus amigos para algum bar ou festa durante o fim de semana, que é quando eu posso ficar até mais tarde na rua, sem a preocupação de acordar no outro dia as 5 da manhã. Geralmente quando não quero sair, eu gosto de pedir alguma comida diferente das que comemos todos os dias, e fico em casa com minha família, o que é algo muito bom também. Eu gosto de pensar que estou aproveitando a minha adolescência, pois sei o que me aguarda no futuro quando for o chefe de família da minha própria casa, mas enquanto isso não acontece, eu vou aproveitando da forma que posso.

João Marcos- Gostaria de agradecer ao vaqueiro Heitor Moura pelo tempo gasto para responder a estas perguntas que servem para nos basear sobre a visão do vaqueiro sobre a forma como é visto na comunidade, e a importância deste para a vida em sociedade.

**Sábado, 20 de Junho de 2020**

Entrevista 05- O vaqueiro Hipolitano e sua relação com o evento da Missa do Vaqueiro e Agricultor no Município de Monsenhor Hipólito.

Entrevista com José Marcos dos Anjos.

João Marcos- Sabemos como o traço cultural do ser vaqueiro é presente e forte nesta comunidade há muitas décadas, com isso, o senhor nunca se imaginou sendo vaqueiro?

José Marcos- Eu admiro bastante as pessoas que desempenham este serviço dentro da comunidade, elas são fortes, destemidas, e encaram os problemas que surgem diariamente em seu trabalho de cabeça erguida, porém, o meu caminho desde a adolescência foi outro, meu pai já era comerciante desse a década de 50 aqui, primeiramente no Riachão como era até então chamado, e depois em Monsenhor Hipólito, e desde jovem eu segui os seus passos, ajudando e aprendendo pois sabia que eu seria o sucessor no ramo, já que minhas irmãs optaram pelos estudos. Eu tenho diversos amigos que são vaqueiros, a maioria já velha, na minha idade (72 anos), e mesmo aposentada, eles ainda se “atrevem” a montar seus cavalos e saírem pelas ruas da cidade desfilando no evento da Missa do vaqueiro e agricultor, isso pra mim é uma sensação inexplicável.

João Marcos- Como o senhor enxerga este evento da Missa do vaqueiro para o município de Monsenhor Hipólito?

José Marcos- A missa do vaqueiro é um evento importante para nós comerciantes, pois atrai centenas de pessoas do interior para a cidade, e também conta com a participação de pessoas de outras cidades e localidades, o que aumenta o fluxo de pessoas que passam por meu estabelecimento e aumenta as minhas vendas de forma espetacular, afinal, as pessoas precisam se alimentar, se refrescar já que o evento percorre todo o dia, e grande parte da noite. Nós geralmente só abrimos pela parte da manhã no domingo, mas por esta data ser tão importante e por conter tamanha participação popular, eu e meus filhos, além dos 3 funcionários que emprego nos revezamos para que possamos manter o comércio aberto o dia inteiro e com isso, aumentar a nossa receita. Já a noite na parte festiva, saímos para comemorar e compartilhar a alegria destas importantes figuras para nossa sociedade.

João Marcos- Falando economicamente como gestor de um comércio que perdura já algumas décadas neste município, qual a real importância do vaqueiro e agricultor para economia Hipolitana?

José Marcos- Eu sou comerciante a quase 40 anos aqui em Monsenhor Hipólito, e nesta longa caminhada dentro de estabelecimento posso dizer que 80% ou mais dos meus clientes são agricultores, vaqueiros e criadores de gado de nossa região, eu não imagino o que seria de nossa cidade se estas pessoas não fossem tão batalhadoras a ponto de aproveitar qualquer sereno e já corressem para suas terras para plantar, ou da bravura destes que enfrentam o nosso sol e as matas com espinhos correndo atrás do gado para sobreviver. Sem o esforço e o trabalho, e

consequentemente o dinheiro e a renda que estas pessoas conseguem, eu acredito que nossa cidade já nem existiria mais, os jovens que tem oportunidade de ir embora não pensam duas vezes, sabem que aqui as oportunidades são muito poucas, e isso não atrai quem tem a chance de crescer na vida. Ainda bem que o amor por a cultura da vaquejada ainda existe e ainda podemos encontrar jovens que amam verdadeiramente esta profissão e que por isso a seguem, mesmo que não com a mesma quantidade que antigamente quando era isso que nossos pais nos ensinavam. Eu fico feliz por hoje existir esta data em que comemoramos a missa do vaqueiro, é o dia onde todos paramos para exaltar esta figura tão importante, e também é um dia onde podemos formar a nova geração de vaqueiros de nossa cidade, alimentando este amor dentro de nossas crianças

João Marcos- Como um dos mais antigos residentes deste município, o senhor acredita que sem a criação deste evento da Missa do vaqueiro e agricultor, encontraríamos ainda hoje um número tão alto de membros desta comunidade (vaqueiros)?

José Marcos- Sinceramente, eu acredito que não, muita da influência para a entrada dos jovens neste ramo se dá a partir deste grande evento, mesmo com toda a importância e beleza de ser vaqueiros, os baixos salários e a dura rotina não se tornam atraentes principalmente para jovens que tem acesso a novas tecnologias e empregos mais formais. Acredito eu que a presença destes jovens no evento, mesmo que apenas para observar pode despertar sentimentos diferentes em cada um deles, levando alguns a se aproximarem mais da cultura do vaqueiro, até se tornar um participante desta, mesmo que sendo apenas 1 ou 2 pessoas, já ajudam a perpetuar por mais alguns anos esta importante figura em nossa sociedade.

João Marcos- Como comerciante, o senhor acredita que o acréscimo de novas datas comemorativas á figura do vaqueiro traria benefícios tanto para a cultura como a economia Hipolitana?

José Marcos- Eu acredito que sim, principalmente por existir apenas um dia durante todo o ano que se comemora a vida destes homens em sociedade, a criação de ao menos uma nova data como esta poderia trazer além de uma exaltação maior ao vaqueiro, um evento a mais para que as pessoas visitassem nossa cidade, e contribuíssem com a economia. Esta festa a mais proporcionaria um ganho a mais tanto ao vaqueiro, que poderia ser lembrado mais uma vez durante o ano, e também a nos comerciantes que dependemos de datas como esta para sobreviver em um período de crise como enfrentamos atualmente, seria algo bom para ambos os lados e também uma oportunidade a mais de quem sabe influenciar jovens a participarem da causa do ser Vaqueiro.

João Marcos- Para finalizar, gostaria de agradecer ao senhor José Marcos dos Anjos pela sua importante fala para a construção deste trabalho, é importante percebermos um pouco da visão de pessoas que mesmo não participando do movimento do ser vaqueiro, de forma indireta depende do trabalho destes homens para sobreviverem também. E também é importante percebermos como

estes trabalhadores são fundamentais em nossa sociedade, e o fruto do seu trabalho auxilia na prosperidade de toda a comunidade.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
 Monografia  
( ) Artigo

Eu, João Marcos de Sousa Bezerra,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
O VAQUEIRO DO RIO RIACHÃO: A CULTURA  
E RELIGIOSIDADE NA MISSA DO VAQUEIRO DE MONS. HIPOLITO  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 16 de JULHO de 2021.

João Marcos de Sousa Bezerra  
Assinatura

João Marcos de Sousa Bezerra  
Assinatura